

Jeane Katia dos Santos S. de Almeida

O Filho de Deus

Analisado à luz das Sagradas Escrituras



Jeane Kátia dos Santos S. de Almeida

O Filho de Deus

Analisado à luz das Sagradas Escrituras

Acerca dos paradoxos bíblicos, percebi que funcionam como uma espécie de pedras de um quebra-cabeça, que uma vez juntadas, revelam toda a coerência do relato bíblico. Uma coerência que só pode ser percebida quando esses paradoxos bíblicos são levados em consideração, e não, em detrimento deles. E foi nessas aparentes contradições que eu trilhei o caminho que me levou às respostas que calaram de uma vez por todas o meu questionamento acerca da Divindade de Jesus. Hoje eu sei por que Ele é Deus de fato e de direito! Este livro é o resultado de minha peregrinação por respostas.

Agradecimentos

A Deus e aos que me incentivaram escrever este livro; em especial minha mãe Rosa Maria e minha irmã Rosemary dos Santos Silva, as quais, eu muito amo e também ao meu irmão em Cristo, amigo e colega de trabalho Antônio Carlos Rangel a quem admiro por sua inquestionável constância. Eu não poderia deixar de citar aqui, o Pr. Cdrac Ferreira Fontes, a quem, no curso de Teologia, eu tive a honra de ter como meu professor da disciplina Panorama do Novo Testamento. Ele um servo de Deus, zeloso pelas coisas de Deus, a quem muito admiro. Dele partiu a sugestão no sentido de que eu colocasse no papel a ideia que, tempos depois, veio a resultar neste livro. A ele o meu muito obrigado!

E dedico ainda este livro ao meu amado esposo Deivison Oliveira de Almeida, por intermédio de quem voltei a congregar.

Ficha Técnica

Nota ao Leitor

Este é um livro de categoria teológico, escrito a qualquer um que francamente queira considerar as evidências de que vale a pena crer e também escrito às pessoas que já creem na Bíblia como sendo a Palavra de Deus, mas, que têm dificuldades de entender a relação do Filho de Deus com o Pai na eternidade. É um livro que procura deixar a Bíblia falar por si mesma.

É isso mesmo! A Bíblia! Afinal, que outro livro apresenta características tão peculiares quanto ela? Citando parafraseando Josh McDowell¹, que em seu livro “Evidências que exige um veredito - volume I”, diz: Escrita num período de aproximadamente 1.500 anos, por 40 autores, muitos deles, de contextos e épocas muito diferentes e em três continentes e línguas também diferentes) e , ainda assim, única em coerência, visto que de Gênesis a Apocalipse não obstante tratar de centenas de assuntos controversos, é possível notar que há uma única história que vai se revelando: a redenção do homem por parte de Deus; além disso, única em circulação, tradução, sobrevivência (que outro livro suportou maiores ataques?), única também nos ensinamentos e na influência sobre literaturas (que outro livro inspirou tantas literaturas?) e que outro livro possui maior prova em termos de manuscritos?

E mais uma vez parafraseando Josh McDowell: Só sendo a Palavra Revelada de Deus, escrita aos homens,

¹ MCDOWELL Josh, “Evidência que exige um veredito - Evidências históricas da fé cristã”. Vol. I.

para ter resistido há tanto tempo e ataques. Por tudo isso, nenhum outro livro tem maior autoridade do que ela, para dar-nos as respostas que precisamos a respeito de Jesus.

Sumário

Prefácio	9
Primeira Parte	
Eis o "X" da questão	17
A Perspectiva Divina: Presente Eterno	22
Como se dá a eternidade do Filho de Deus?	25
<i>O Filho segundo o Antigo Testamento</i>	25
<i>O Filho segundo o Novo Testamento</i>	26
A Bíblia afirma a auto-existência de Jesus?	32
Segunda Parte	
A Humilhação de Cristo	37
<i>Filho de Deus / Filho do homem</i>	39
A Exaltação de Cristo	46
Deus Filho: Deus de fato e de direito	49
Terceira Parte	
A Relação Pai e Filho na Eternidade	555
<i>Análise que faço do relato feito por Earle</i>	59
Pais da Igreja: Eles Estavam Errados	61
<i>Considerações Importantes</i>	65
A Trindade	68
O credo à luz das Sagradas Escrituras	70
Bibliografia	74
Sobre a Autora	75
Notas de fim	80 a 84

Assim diz o SENHOR:

“Não se glorie o sábio em sua sabedoria, nem o forte em sua força, nem o rico em sua riqueza, mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em compreender-me e conhecer-me”.

(Jeremias 9:23-24)

Prefácio

Quando eu era pequena me ensinaram que Jesus é Deus e, perguntas do tipo: “Como Ele pode ser Deus e ainda assim ser o Filho de Deus?”, fervilhavam em minha mente de menina, que queria entender o porquê das coisas.

Com o passar dos anos, quando eu já estava no 4º Período do Curso de Teologia, essas mesmas dúvidas voltaram a me incomodar e então eu não pude mais calar esses meus questionamentos e, por isso, eu os exteriorizei.

Primeiramente, a fim de saber se existem ou não razões para crer, questionei a Bíblia à luz dos argumentos de estudiosos que se dedicaram à pesquisa e ao estudo das evidências históricas, arqueológicas, etc, e tendo ponderado acerca de seus argumentos, eu percebi que sim!

Então, o próximo passo foi uma espécie de prova dos nove: “Há contradições na Bíblia?”. E esse era o ponto-chave a ser investigado, visto que, uma aparente contradição bíblica foi a causa de minha dúvida de criança e que veio à tona já na idade adulta. E para que essa “prova dos nove” fosse possível de ser feita, era preciso deixar a bíblia falar por si mesma, a fim de que eu pudesse verificar a confiabilidade ou não do relato bíblico.

Tendo feito isso, à primeira vista, pareceu-me haver muitas contradições! Mas, por mais incrível que pa-

reça, descobri que é justamente nessas aparentes contradições que estão as respostas aos questionamentos que deram origem a este livro. E foi aí que eu percebi que não se tratam de contradições!

Acerca desses paradoxos bíblicos, percebi que eles, na verdade, funcionam como uma espécie de pedras de um quebra-cabeça, que quando juntadas revelam toda a coerência do relato bíblico. Uma coerência que só pode ser percebida quando esses paradoxos são levados em consideração, e não, em detrimento deles.

Nessas aparentes contradições, trilhei o caminho que me levou às respostas que calaram de uma vez por todas os meus questionamentos acerca da Divindade de Jesus. E este livro é o resultado dessa minha peregrinação por respostas! E assim, partindo da dúvida e analisando de fora a fé, pude descobrir que a minha fé resiste a um franco questionamento e tem razão de ser; ou seja, não se trata de um suicídio intelectual.

Como se pode perceber, este livro surgiu em razão de questionamentos que eu tinha acerca da Divindade do Filho de Deus. Fui à caça de respostas e o que encontrei, para minha surpresa, veio fortalecer ainda mais a fé que eu tinha nEle. Contudo, eu não escrevi este livro porque eu tinha as respostas! Antes, eu o escrevi porque tinha as perguntas!

Proponho-me a tratar da questão da geração do Filho de Deus, que se deu antes da criação do mundo e a tratar também das implicações desta afirmação ao viver cristão.

Este livro mostra a Jesus, o Filho de Deus, como sendo Deus de fato e de direito e à luz das Sagradas Escrituras, mostra ainda em que momento e o que foi preciso para que assim fosse.

Deus de fato e, portanto, coigual, coeterno e consubstancial com o Pai! À exceção da autoexistência, o Filho de Deus é tudo o que o Pai é.

Continue lendo este livro e verá o que fez com que Ele Deus de fato, viesse a se tornar Deus também de direito; verá ainda, de que forma isso o tornou o maior exemplo para toda a humanidade e como Ele cumpriu aqui na terra todo o seu Ministério: vida, morte e ressurreição.

É de se ressaltar, que este livro não nega que Jesus é eterno! Contudo, irá mostrar de que forma se dá sua eternidade. Irá mostrar ainda, o porquê de o Filho ser plenamente Divino e ter se tornado a causa da salvação de todo aquele que crer - o único caminho que leva a Deus, como o próprio Jesus afirmou acerca de si mesmo. Irá mostrar, inclusive porque Jesus, embora sendo Deus, alegou não saber a que dia e hora se daria sua vinda.

Jesus é pré-existente e tudo o que existe foi feito por Ele e para Ele! E isso meu livro não nega! Porém, este livro procura mostrar que existe diferença entre ser pré-existente e ser auto-existente. E irá mostrar, inclusive, que não são os milagres que Jesus realizou que testificam de sua Divindade. Lendo este livro, o leitor poderá ver o que realmente testifica acerca da Divindade de Jesus.

Fato é que este livro não nega nada o que a Bíblia afirma a respeito de Jesus! Nega apenas aquilo que ela não afirma a Seu respeito!

Este livro é dividido em três partes: Na primeira parte entre outras coisas, aborda o "x" da questão, seguido de uma análise da perspectiva Divina de tudo o que existe e acontece e traz uma análise dos argumentos do teólogo Louis Berkhof acerca do assunto, finalizando com uma explanação que visa demonstrar, à luz do Antigo e do Novo Testamento, que a Bíblia não afirma a auto-existência de Jesus! Na segunda parte há uma aplicação mais prática, pois, visa demonstrar as implicações de tudo isso no viver cristão, finalizando com o porquê de Jesus ser Deus de fato e também de direito. A terceira parte trata da questão da Trindade e, entre outras coisas, mostra o porquê desta autora não concordar com os argumentos defendidos pelos Pais da Igreja do 3º século d.C. por ocasião dos Concílios que tratou sobre a controvérsia teológica levantada por Ário. Traz ainda, o credo à luz das Sagradas Escrituras, finalizando com meu depoimento pessoal.

Dentre os que tiveram acesso a este livro, há padres, pastores, judeus, professores de faculdade, alguns colegas de faculdade, alguns colegas de trabalho e etc. E tem sido bastante elogiado pela grande maioria dos tiveram esse prévio acesso a este livro.

Trata-se de um livro fortemente embasado nas Sagradas Escrituras como um todo (e, quando digo isso, refiro-me aos textos bíblicos que tratam do assunto em questão). É um livro de alguém que ousou questionar

dois mil anos de história, e isso por que precisava de respostas a um franco questionamento.

Este livro não é uma autobiografia! Também não é um livro de caráter devocional e nem de auto-ajuda! É um livro de cunho teológico e como o próprio título sugere, trata-se de uma análise do Filho de Deus à luz das Sagradas Escrituras. Tudo o que eu fiz foi deixar a Bíblia falar por si mesma (sim, a bíblia, cujas características tão singulares foram citadas por Josh McDowell em seu Livro "Evidências que exigem um veredito - volume I").

Lendo este meu livro, o leitor se sentirá familiarizado com os muitos textos bíblicos que são citados, até por que, o objetivo é mostrar o que sempre esteve lá e não percebíamos.

C. S. Lewis, autor de "As crônicas de Nárnia", em seu livro "Cristianismo Puro e Simples", faz o seguinte comentário: "Todos me aconselharam a não lhes dizer o que vou dizer... Afirmam: 'O leitor comum não quer saber de Teologia; dê-lhe somente a religião simples e prática.'. Rejeitei o conselho. Não acho que o leitor comum seja um tolo. Teologia significa 'a Ciência de Deus', e creio que todo homem que pensa sobre Deus gostaria de ter sobre ele a noção mais clara e mais precisa possível. Vocês não são crianças: por que então lhes tratar como tal?".

A verdade é que muitas vezes nos colocamos na defensiva quando diante de supostos ataques aquilo que cremos e não paramos para pensar, em quão benéficos tais questionamentos podem ser ao nosso crescimento e amadurecimento na fé. E essa atitude defensiva acontece por não nos darmos conta, que uma pequena dúvida

não sanada hoje, pode ser a causadora de um abismo de incredulidade amanhã.

Porém, se analisarmos mais atentamente a Bíblia, veremos que em nenhum momento ela nos convida a abrir mão de nosso intelecto, a fim de abraçarmos uma fé cega. Até por que fé por fé, há muitas “fés”, não é mesmo? E eu não estava disposta a abraçar uma fé que não se revelasse digna de ser abraçada e, por isso, questionei. No final das contas, o mais interessante de tudo, foi descobrir que a minha fé resiste a um franco questionamento.

E, não obstante, ser a fé um fator importante, mais importante ainda é o “objeto de fé” a quem ela é dirigida! Até por que, há os que pregam: “creiam em qualquer coisa, mas, creiam”, como se a fé fosse um mero amuleto no qual pudessem se recostar. Há os que creem em Buda, etc. Os muçulmanos mais radicais, por sua vez, estão dispostos a se auto-explodirem por aquilo que creem. Diante disso, chego à conclusão de que, embora, a fé tenha um papel fundamental em nossas vidas, ela só nos dá garantias se dirigida a um “objeto de fé” que realmente seja digno de crédito.

Temos na Bíblia o exemplo de Lucas! Por seus escritos, percebe-se que ele tinha essa compreensão e cuidado. Observe o que ele diz:

Visto que muitos têm empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, segundo no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra, também a mim, depois de haver investigado tudo cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, escrever-te uma narração em ordem, para que conheças

plenamente a verdade das coisas em que foste instruído.
(Lucas 1:1-4).

Lucas sabia a importância de se ter esse cuidado investigativo dos fatos, até por que, nos primórdios da igreja, os cristãos foram muito perseguidos, primeiramente, pelos líderes judeus e depois pelo império romano. Na ocasião, muitos cristãos foram mortos por amor ao Evangelho; E diante desse quadro, Lucas percebeu ser necessário fazer uma narrativa mais apurada dos fatos. E, vale lembrar, que os evangelistas, muitas vezes, procuraram lembrar aos novos cristãos, que eles mesmos haviam sido testemunhas oculares das coisas que eles lhes escreviam.

“Provai e vede que o Senhor é bom”, dizem as Sagradas Escrituras! E prosseguem, dizendo: “antes santificai em vossos corações a Cristo como Senhor; e estai preparados a responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da fé que há em vós” (I Pedro 3:15) - coisa que eu não teria condições de fazer hoje se eu não tivesse sido sincera comigo mesma na ocasião em que esta dúvida me incomodava. E como diz Philip Yancey: “A invisibilidade de Deus é a garantia de que experimentarei momentos de dúvidas... Por que então, a igreja encara a dúvida como inimiga? A dúvida sempre anda com a fé; afinal, na certeza, quem precisaria de fé?”.

Primeira Parte

Assim diz o SENHOR:

“As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos...” “E Ele lhes disse: A vós é confiado o mistério do Reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes diz por parábolas”. “Clama a mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes”.

(Deuteronômio 29:29; Mc 4:11 e Jeremias 33:3).

Eis o “X” da questão

Uma vez que as Escrituras Sagradas, acerca de Jesus, afirmam que: 1) Ele foi gerado pelo Pai - lembre-se Ele já existia e já era Deus antes de sua encarnação; 2) Ele é o primogênito de toda a criação; 3) Foi do agrado do Pai, que nele habitasse toda a plenitude da Divindade. E uma vez que o próprio Jesus, acerca de si mesmo, afirma: a) ser Um com o Pai e b) ter recebido do Pai, antes da fundação do mundo toda a glória que possuiⁱ - surge então, a seguinte pergunta: “Como se dá a eternidade do Filho de Deus?”ⁱⁱ. Vale lembrar, que não está sendo questionada aqui a questão da pré-existência de Jesus, até por que, isto já está muito claro nas Sagradas Escrituras.

O fato é que o relato bíblico nos leva a perceber, que o Filho de Deus foi gerado pelo Pai, da plenitude de Sua Essência Divina, num determinado momento da eternidade, antes da fundação do mundo. Por sua vez, o homem foi formado do pó da terra e o restante daⁱⁱⁱ criação veio à existência do nada, mediante a ordem do Criador: Haja! Produza!

O Filho de Deus não surgiu do nada! Ter sido gerado pelo Pai da plenitude de sua Essência Divina, faz dEle Divino em toda a Sua plenitude; e faça essa afirmação com base na declaração de Jesus acerca de si mesmo como sendo um com o Pai, ou seja, da mesma Essência e Natureza do Pai, o que significa dizer ser consubstancial com o Pai.

Ter sido o único gerado da Essência Divina, explica o fato dele ser a Vida^{iv} (Fonte de Vida), conforme se declarou em João 14:6. E explica também, o fato dele ter a Vida em si mesmo e para dar aos que nele creem;^v até por que isso lhe foi concedido pelo Pai.

Observe o que Jesus declarou acerca de si mesmo:

Porque assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo (João 5:26).

Até por que, assim como se eu (Jeane) creio em Jesus e, por isso, tenho a vida eterna, não significa dizer que antes eu era eterna; assim também, o fato de Jesus ser consubstancial com o Pai, não significa dizer que Ele não tenha sido gerado.

Todavia, isto não o diminui como Deus que é. De maneira nenhuma! Até por que, Jesus falando ao Pai, disse: "A glória que me deste porque me amastes antes da criação do mundo.^{vi}"; e informam-nos as Sagradas Escrituras, que: "foi do agrado do Pai que nele habitasse toda a plenitude Divina.^{vii}".

Vale lembrar, que a Bíblia diz em João 3:16, que: Jesus é o Filho Unigênito de Deus, ou seja, o único Filho. Quanto aqueles que creem em Jesus, a Bíblia diz:

Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, para resgatar os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. (Gálatas 4:4 -5).

A bem da verdade, somos filhos de adoção de Deus, pela fé, por meio de Jesus Cristo. Ele, por sua vez, é o único Filho porque foi o único gerado da Essência Divina do Pai.

Portanto, Jesus é o Primogênito em relação a toda a criação (Colossenses 1:15) e Unigênito em termos de filiação com o Pai (João 1:14) ^{viii}.

Ter sido o único gerado pelo Pai, da plenitude de Sua Essência Divina, dá a Jesus total preeminência sobre toda a criação^{ix}. E essa plenitude diz respeito à perfeição e à totalidade dos atributos que são inerentes ao Ser Divino.

Ser o Eterno faz parte da Essência de Deus (Pai) e uma vez que Jesus é consubstancial com o Pai, Ele também se faz Eterno; ou seja, a eternidade de Jesus se dá em virtude de sua consubstancialidade com o Pai e sua consubstancialidade com o Pai se dá em virtude de haver sido gerado da plenitude da Essência Divina.

“Eu e o Pai somos um” ^x, afirmara Jesus acerca de si mesmo em certa ocasião. Um em Essência e Natureza, assim como o somos em relação aos nossos pais. A nossa essência e natureza é humana, quanto a Jesus, a sua Essência e Natureza é Divina.

Isso por que assim como o filho de um homem herda a sua natureza humana e é totalmente humano, assim também, o Filho Unigênito de Deus, herda a sua Natureza Divina e é totalmente Divino’. Por isso, em Jesus "habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2:9) ^{xi}.

Uma vez possuidor de toda a plenitude da Divindade, o Deus Filho (Jesus) é tudo o que o Pai é, à exceção da auto-existência^{xii}. E conforme diz o teólogo Louis Berkhof em seu livro “Manual de Doutrina Cristã”, o Filho ao ter sido gerado pelo Pai, da plenitude de Sua

Essência Divina, tornou-se ^{xiii} num segundo modo de existência dentro do Ser Divino, até por que conforme ele bem se expressou, Deus é Uno em seu Ser Essencial, mas neste único Ser há três Pessoas chamadas Pai, Filho e Espírito Santo.

E, não obstante, estar claro nas Escrituras Sagradas a ^{xiv} concepção de Jesus no ventre de Maria, por ação do Espírito Santo, como C. S. Lewis sabiamente se expressou, em seu livro "A Essência do Cristianismo Autêntico", "não estamos considerando agora o nascimento virginal. Estamos tratando de algo que aconteceu antes que a natureza fosse criada, antes que o tempo começasse 'desde toda a eternidade'".

Até por que, por ocasião da geração do Filho de Deus, no ventre de Maria, foi preciso que o Filho se esvaziasse de sua forma Divina, a fim de tomar a forma de homem, conforme nos é relatado em Filipenses 2:5-11. Diante disso, a glória que Jesus afirmou ter recebido do Pai antes da fundação do mundo^{xv}, não pode de maneira alguma estar relacionada com o momento de sua encarnação.

Contudo, não está sendo desconsiderado aqui, o fato de que Jesus estava no princípio da criação; isso por que, o Filho de Deus foi gerado antes que o mundo fosse criado. Dessa forma, obviamente, Ele já existia antes da fundação do mundo, de forma que "tudo foi feito por Ele para Ele e por intermédio dEle", conforme nos afirmam as Sagradas Escrituras ^{xvi}.

Enfim, Jesus é Deus, não obstante, ter sido gerado pelo Pai! Porque foi do agrado do Pai que assim fosse (Colossenses 1:19). E assim como numa eternidade

atemporal houve um “*determinado momento*” em que o mundo foi criado, assim também, nessa mesma eternidade atemporal, houve um “*determinado momento*” em que o Filho foi gerado pelo Pai, da plenitude de Sua Essência Divina; ou seja, houve um “*determinado momento*” em que o Filho recebeu do Pai toda a Glória que possui, conforme Ele mesmo afirmou acerca de si mesmo.

E essa glória que o Filho recebeu é de ser plenamente Divino como o Pai que o gerou. O que torna Ele eterno, uma vez que fora gerado da plenitude da Essência do Pai.

A Perspectiva Divina: Presente Eterno

Parafrazeando Philip Yancey: “Deus não está limitado ao tempo e sua perspectiva de tudo o que existe e acontece é sempre a de um Presente Eterno², diferentemente da perspectiva humana que se dá de acordo com a sequencia dos fatos.”. E essa perspectiva Divina abrange a eternidade antes, durante e depois do Ato Criativo^{xvii}.

Uma vez considerada a abrangência desta Perspectiva Divina em toda a sua totalidade, concluímos, que assim como dizemos que a história humana é vista por Deus, como sendo um Presente Eterno, assim também, a geração do Filho de Deus se deu sob essa mesma perspectiva de Presente Eterno.

Observe o que o teólogo Louis Berkhof^{xviii} diz em seu livro “Manual de Doutrina Cristã”:

Deus é Uno em seu Ser Essencial, mas neste único Ser há três Pessoas chamadas Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três Pessoas não são três indivíduos inteiramente separados e distintos. São antes, três modos ou formas em que existe a Essência Divina. Estas auto-distinções no Ser Divino são de natureza tal que podem entrar em relações pessoais. O Pai pode falar ao Filho e enviar o Espírito Santo. O mistério real da Trindade consiste em que as três Pessoas são um em seu Ser Essencial.

E ele prossegue dizendo:

Isso não significa que a essência Divina está dividida entre as três Pessoas; e não estão subordinadas uma à outra. Pode-se dizer, no entanto, que na ordem de existência o

² Termo empregado por Philip Yancey num de seus livros.

Pai é o Primeiro, o Filho é o Segundo e o Espírito Santo é o Terceiro e esta ordem se reflete também na ordem da Criação e da Redenção. As três pessoas se distinguem por certas distinções pessoais: O Pai gera o Filho, o Filho é gerado pelo Pai e o Espírito Santo procede tanto do Pai como do Filho.

O PAI - A propriedade distintiva do Pai é que Ele gera o Filho desde a eternidade. ^{xix}.

Fica claro que Berkhof primeiramente admitiu a Trindade como sendo um único Deus que é Trino e em seguida, estabeleceu uma ordem de existência, na qual, o Pai é o primeiro, o Filho é o segundo e o Espírito Santo é o terceiro. E com base nesta ordem de existência estabelecida por ele percebe-se que ele admite Deus Pai como o Ser não causado e o Filho como tendo sido gerado pelo Pai, tendo a partir de então, passado a existir^{xx}.

E Berkhof prossegue dizendo:

O Filho - Chamado Filho por causa de Sua geração eterna pelo Pai... A propriedade pessoal do Filho é que Ele é eternamente gerado pelo Pai. A doutrina da geração do Filho é naturalmente sugerida pelo fato de que a Bíblia apresenta a Primeira e a Segunda Pessoa da Trindade como tendo relação mútua de Pai e Filho e está ainda baseada no Salmo 2:7; Atos 13:33; e Hebreus 1.

É coerente a expressão “geração eterna”, empregada por ^{xxi}Berkhof, para explicar o fato das Sagradas Escrituras alegarem ter sido o Filho gerado pelo Pai. Isto por que “gerar eterno” porque visto sob a perspectiva de Deus Pai, que tudo vê sob a perspectiva de um Presente Eterno. Todavia, concluímos que esta expressão “gerar eterno” por ele empregada não fecha a questão; isso por que, não aniquila a ideia de ter havido um princípio para a existência do Filho.

Mas, Berkhof entra em contradição quando faz a seguinte afirmação:

Por meio desta geração o Pai não produz a natureza essencial do Filho, mas, torna-se a Causa da subsistência pessoal do Filho - um segundo modo de existência - dentro do Ser Divino. Esta geração do Filho não deveria ser considerada como um ato concluído no passado, mas como um ato necessário e por isso, eterno do Pai. É eterno, continuado sempre e, todavia, sempre completado...

O Novo Dicionário Escolar da Língua Portuguesa editado pela Editora Didática Paulista, dá o seguinte significado à palavra subsistir:

Existir; ser; existir na sua substância; estabilidade; sustento; conjunto do que é necessário para sustentar a vida.

O Pai produzir no Filho Sua Natureza Essencial e ser o Causador de sua subsistência (ou seja, ser o Causador de o Filho existir na sua substância), é a mesma coisa. Não se pode fazer uma afirmação em detrimento de outra que lhe é sinônima. Mas, ainda que se chegue à conclusão, de que não houve contradição nestas palavras de Berkhof quanto ao que acabei de mencionar, não poderíamos deixar de levar em conta o que ele anteriormente categoricamente afirmou acerca do Filho de Deus.

E uma vez que o teólogo Louis Berkhof estabeleceu uma ordem de existência para cada Pessoa da Trindade concluímos ser incoerente a menção de suas palavras como forma de se defender a auto-existência do Filho de Deus^{xxii}.

Como se dá a eternidade do Filho de Deus?

Antes de chegarmos a uma conclusão de como se dá a eternidade do Deus Filho, devemos considerar que a interpretação da Bíblia, deve estar em conformidade e harmonia com o todo das Escrituras, e não, em textos isolados (e quando digo o todo, refiro-me aos textos bíblicos que tratam do assunto em questão).

O Filho segundo o Antigo Testamento

O Pai, falando acerca do Filho, diz:

Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Pede-me e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão. Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro. Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que se não ire e pereçais no caminho, quando em breve se acender a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam. (Salmos 2:6-12).

O profeta Isaías, falando acerca do Filho de Deus, diz:

Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade prolongará os seus dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão. Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levarão sobre si. Por isso lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte e foi conta-

do com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores. (Isaías 53:10 - 12).

Promessa de Deus feita a Davi, acerca do Messias que havia de vir:

Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por Filho; e se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade não se apartará dele; como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre. Conforme a todas estas palavras, e conforme a toda esta visão, assim falou Natã a Davi. (2 Samuel 7:12-17) – Deus por intermédio do profeta Natã falou isso a Davi.

O Filho segundo o Novo Testamento

O Novo Testamento, falando acerca do Filho, diz:

Havendo Deus, antigamente falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

O qual, sendo o resplendor da sua glória e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles (Hebreus 1: 1-4).

Note que o Filho é a expressa imagem do Pai³. E está claro que o Pai o constituiu herdeiro de tudo e que por meio dele fez o mundo.

As expressões “tornar-se” e “herdar” nos fazem perceber que ninguém se torna aquilo que já é; e para entendermos este mistério devemos analisar a expressão "hoje te gerei" levando em consideração o que o texto já disse anteriormente. Se evitarmos analisá-lo separadamente ficará mais fácil entendermos porque Jesus é chamado o ^{xxiii}Primogênito de toda a criação e Unigênito em termos de filiação com o Pai.

Por que a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho? E outra vez ao introduzir no mundo o Primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.

E quanto aos anjos, diz: O que de seus anjos faz ventos e de seus ministros, labareda de fogo.

Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, cetro de equidade é o cetro do teu reino. (Hebreus 1: 5-8).

Note que estas são palavras do Pai em relação ao Filho e note que o Pai ordenou a todos os anjos que Seu Filho seja adorado. Com isso, o Pai, Ser não causado, estava confirmando a Divindade do Filho.

Amaste a justiça e aborreceste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, mais do que aos teus companheiros (Hebreus 1:9).

Mais adiante falaremos desta atitude de Jesus. E o Pai, acerca do Filho, prossegue dizendo:

³ O que significa dizer que se quisermos saber como Deus é apenas teremos que olhar para Jesus.

E: Tu, Senhor, no princípio, fundaste a terra, e os céus são obras de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa envelhecerão e como um manto, os enrolarás, e como uma veste se mudarão; mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão (Hebreus 1: 10-12).

E prossegue fazendo a seguinte diferenciação entre o Filho e os anjos:

E a qual dos anjos disse jamais: Assenta-te à minha destra, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés? Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação? (Hebreus 1: 13-14).

E embora sendo Deus, não tendo por usurpação o ser igual a Deus, a atitude de Jesus foi conforme abaixo se vê:

Assim também, Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote mas glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei. (Hebreus 1:1-14; 5:5).

Está claro que o Pai concedeu ao Filho Autoridade e Poder. Porém, o Filho não glorificou a si mesmo, antes glorificou Aquele que o gerou.

Acerca de si mesmo, Jesus disse:

Eu te glorifiquei na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse (...) para que vejam a Glória que me deste; porque tu me hás amado antes da criação do mundo. (João 17:4 a 5 e 24b).

Observe que Jesus afirma ter recebido do Pai toda a glória que possui e que a recebeu antes que o mundo fosse criado; esta declaração de Jesus acerca de si mes-

mo está em perfeita harmonia com o que a seu respeito é declarado em Hebreus 1:1-14.

E acerca do Filho disse o Pai:

Tu és meu Filho. Hoje te gerei. (Hebreus 1:5; 5:5).

E ainda acerca do Filho, dizem as Sagradas Escrituras:

Saiba, pois, com certeza toda a casa de Israel que a esse mesmo Jesus a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo. (Atos 2:36).

O leitor há de concordar que o texto acima dispensa comentários.

O Pai ama o Filho, e todas as coisas confiou às suas mãos. “Pois todas as coisas sujeitou debaixo de Seus pés. Mas, quando diz que todas as coisas Lhe estão sujeitas, claro está que se excetua Aquele que Lhe sujeitou todas as coisas. E quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará Aquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos. (João 3:35; e I Coríntios 15:27-28).

Como se pode constatar no texto acima, houve realmente uma situação em que o Pai concedeu ao Filho Autoridade e Poder.

Mas, eu quero aproveitar os textos de João 3:35 e I Coríntios 15:27-28, para comentar acerca de uma questão que já foi muito motivo de grande questionamento entre nós. Pergunta-se: “quando chegarmos ao céu veremos dois tronos? Um do Pai e outro do Filho?” - Penso que as duas passagens bíblicas que acabo de mencionar nos dão uma visão mais clara de como será isso. Note que o Filho, que hoje se encontra à destra do Pai, há de se sujeitar ao Pai, depois que todas as coisas Lhe esti-

verem sujeitas. Até por que como o próprio Jesus disse acerca de si mesmo: “Eu e o Pai somos Um⁴” - O mistério da Trindade é deveras fascinante.

Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor, em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados; o qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. Nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi feito por Ele e para Ele. Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele... por que foi do agrado do Pai que toda a Plenitude Nele habitasse. (Colossenses 1:15 - 17 e 19).

A expressão "foi do agrado do Pai" nos mostra que em Jesus há toda a plenitude da Divindade porque essa foi a vontade de Deus Pai. E como já foi dito anteriormente eu não nego a pré-existência de Jesus, apenas faço distinção entre pré-existência e auto-existência.

"Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo". (João 5:26).

“Entendes, porventura, o que lês?” Perguntara Felipe ao eunuco. E você? Entende? Note que no texto de João 5:26, Jesus diz claramente que o Pai lhe concedeu ter a Vida em si mesmo.

A esta altura, o leitor já deve ter percebido que estamos falando de uma Trindade ainda em formação, em que o Pai, Ser não causado, veio a ser a causa da subsistência do Filho.

⁴ João 10:30.

O fato é que tanto os textos bíblicos citados do Novo Testamento, quanto os do Antigo Testamento, confirmam o que tem sido defendido neste livro (João 17:4, 5 e 24 b), uma vez, que sempre apresentam o Pai como Aquele que concede Autoridade e Poder e o Filho como Aquele que os recebe.

A Bíblia afirma a auto-existência de Jesus?

Fazendo referência a Jesus, a Bíblia diz:

- Pai da eternidade (Isaías 9:6);
- Deus bendito eternamente (Romanos 9:5);
- Ele existe desde os dias da antiguidade desde a eternidade (Miquéias 5:2);
- Ele é “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro” (Apocalipse 22:13).

É, porém, insuficiente usar como base Isaías 9:6, que se refere a Jesus como Pai da eternidade para defender Sua auto-existência, visto que a Bíblia também se refere a Abraão como Pai da fé e nem por isso, a fé provém de Abraão. Concluimos, então, que Jesus é o Pai da ^{xxiv}eternidade porque nele todo aquele que crer, tem a vida eterna (João 5:24).

Romanos 9:5, faz referência a Jesus como Deus Bendito eternamente, todavia, a análise deste texto, em conjunto com a análise de textos, como por exemplo, Hebreus 1:1-14, facilitará a compreensão daquilo que o Apóstolo Paulo quis dizer em sua carta à igreja de Roma, quando se referiu a Jesus como Deus bendito eternamente. Note os versos 5, 8-12, do capítulo 1 deste livro aos Hebreus.

Miquéias 5:2, fazendo referência a Jesus, diz: “... cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Percebam que conforme os muitos textos bíblicos que menciono neste livro, Jesus foi gerado

pelo Pai, num determinado momento da eternidade antes da fundação do mundo. Gerado, e não criado.

Note “desde os dias da eternidade” versus “gerado num determinado momento da eternidade”. Percebe onde estou querendo chegar? Não há contradição entre a minha alegação neste livro e o que Miquéias falou a respeito do Filho de Deus; até por que, desde dá a ideia de que houve um princípio. Todavia, o que se entende por eternidade é o fato dela não ter princípio nem fim.

Depois de haver analisado atentamente o texto de Miquéias 5:2 acima mencionado, leia com a mesma atenção Provérbios 8:22-36 e verá que a Sabedoria a qual o texto de provérbios se refere é o Filho de Deus. Este texto cuja leitura sugiro inicia, dizendo:

O Senhor me criou como a primeira das obras, o princípio dos seus feitos mais antigos, desde a eternidade fui constituída, desde o princípio, antes de existir a terra. Antes de haver abismos, fui gerada... eu estava ao seu lado como arquiteta; e era cada dia as suas delícias, alegrando perante Ele o tempo todo; folgando no seu mundo habitável.

E essa passagem bíblica finaliza dizendo:

Porque o que me achar achará a vida, e alcançará o favor do Senhor. Mas o que pecar contra mim fará mal à sua própria alma; todos os que me odeiam amam a morte.

Indubitavelmente a Sabedoria ali mencionada é o Filho de Deus! Note que o texto afirma a Sua geração pelo Pai; geração esta, que se deu antes do mundo existir.

Não há por que ter dúvidas disso! Até por que Jesus não possui o caminho. Ele é o Caminho! Jesus não

possui a verdade. Ele é a Verdade! Jesus não possui a vida. Ele é a Vida! (João 14:6). Ele não possui a palavra. Ele é a Palavra (Verbo)! Da mesma forma, Ele não possui a sabedoria. Ele é a Sabedoria!

Note a expressão “desde a eternidade” empregada nos textos de Miquéias 5:2 e de Provérbios 8:22-36 e compare esses textos com João 17:4, 5 e 24b.

Comparou? E aí? Você ainda tem dúvida de que a Sabedoria mencionada no texto de Provérbios é o Filho de Deus, o qual, foi gerado antes de a terra existir? Gerado, e não-criado.

Em Apocalipse 22:13, o autor se refere a Jesus como sendo: “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro”. Note que todas estas afirmações a respeito de Jesus, implicam na existência de um princípio, o que por sua vez, é contrário ao conceito que temos de eternidade.

Ao se referir a Jesus como sendo o Primeiro e o Último, a Bíblia assim o faz, fazendo referência ao fato dele ser o único gerado da Essência (substância) do Pai, ou seja, antes dele não houve outro que tivesse sido gerado da Essência do Pai, e nem depois dele; por isso, Ele é “Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro”.

Defender a auto-existência de Jesus com base nesse texto, além de chocar-se com o conceito de eternidade choca-se também com os muitos textos bíblicos usados neste livro.

Vale salientar, que dizer que alguém é o primeiro e o último, é o mesmo que dizer que ele é o único.

Definitivamente a Bíblia não afirma a auto-existência do Filho de Deus! E não devemos confundir pré-existência com auto-existência.

Jesus é pré-existente porque Sua existência é anterior ao Ato Criativo narrado em Gênesis 1, mas, não é auto-existente porque foi gerado pelo Pai. E isso é a Bíblia quem está dizendo! E a constatação que se faz é a de que o Pai é o Ser não causado e concedeu ao Filho ter a Vida em si mesmo.

Segunda Parte

“E em nenhum outro nome há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos”, “Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se deu a Si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo”.

(Atos 4:12 e I Timóteo 2:5-6).

A Humilhação de Cristo

Jesus, “sendo em forma de Deus, não teve por ^{xxv}usurpação o ser igual a Deus, mas esvaziou-se a Si mesmo, tomando a forma de homem, e sendo obediente até a morte e morte de cruz” - (Filipenses 2:5 - 8).

Levando em consideração tudo o que aqui foi falado, fica fácil compreender a relação entre Deus Pai e Seu Filho na eternidade. Isso por que embora, Jesus possua toda a plenitude da Divindade por ocasião de Sua encarnação, Ele voluntariamente se colocou sob a total dependência do Pai^{xxvi} e por isso, afirmou:

“Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim é quem faz as Suas obras”, “Disse-lhes, pois, Jesus: Em verdade, em verdade vos digo, que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto Ele faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama ao Filho, e mostra-lhe tudo o que Ele mesmo faz. (João 14:10 e 5:19-20).

E Não obstante ter-se colocado voluntariamente sob a autoridade do Pai por ocasião de Seu esvaziamento, o seu pleno Poder Divino (Poder próprio de Jesus), esteve sempre disponível e acessível a Ele. Até por que isto fica bastante evidente quando, por ocasião da tentação no deserto, o diabo quis que Ele fazendo uso do Seu poder, transformasse pedras em pão.

O diabo tentou a Jesus dessa forma, porque se Jesus tivesse cedido a essa tentação, todo o Plano Divino para a salvação do homem seria ali destruído. Isto por que Jesus veio para em tudo ser o exemplo perfeito para

a humanidade. E isso, inclui humildade obediência e submissão voluntária do Filho ao Pai^{xxvii}.

Ele tentou a Jesus, pedindo-o que transformasse pedras em pão, porque sabia que Jesus tinha em si mesmo poder para operar tal maravilha; caso contrário, não faria sentido o diabo fazer tal sugestão. Note que a tentação que o diabo fez a Jesus não era que Ele na dependência do Pai fizesse aquele milagre e sim, que com o Seu próprio Poder o fizesse.

Embora, Jesus pudesse por si mesmo, realizar o que o diabo estava lhe sugerindo (até por que embora esvaziado, Seu pleno Poder Divino sempre Lhe esteve acessível), Ele não o fez porque se assim o fizesse Ele estaria se rebelando contra o Pai, haja vista, por livre escolha, ter-se colocado debaixo de Sua autoridade.

Observe que em Filipenses 2:6-7, a Bíblia afirma que Jesus a si mesmo esvaziou da forma Divina. Note que Ele não foi esvaziado. Houve da parte de Jesus essa decisão voluntária de deixar de fazer uso de o seu próprio Poder Divino, para como homem em tudo depender do Pai.

O amor ao Pai (João 14:31) e à humanidade levou-o a uma atitude de humildade obediência e submissão voluntária, porque Jesus sabia ser esta a única maneira de fazer com que o Amor que Deus, nosso Pai, tem por toda a humanidade fosse manifestado a todos os homens.

Por isso, Jesus é o Verbo encarnado, o grande EU SOU (Êxodo 3:14 / João 14:6), ou seja, o Amor de Deus, a Sua Santa Justiça, etc, que vemos em ação no Antigo

Testamento, toma forma humana na pessoa de Jesus, por ocasião da plenitude dos tempos e por esta razão, as Escrituras nos dizem:

Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em que Deus enviou o Seu Filho Unigênito ao mundo, para que por meio dele vivamos. (I João 4:9).

Jesus, por meio de Sua atitude de humildade, obediência e submissão voluntária, procurou nos deixar o exemplo de como devemos nos relacionar com o Pai. Sua atitude faz dele o exemplo perfeito. Por isso, Paulo em Filipenses 2:5, exorta-nos a ter o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus. Se não tivesse partido dele essa decisão, não haveria porque o apóstolo Paulo fazer tal exortação.

Observe as Palavras de Jesus:

Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice. Não seja, porém, o que eu quero, e sim, o que tu queres. (Marcos 14:36).

Observe ainda o que Jesus falou em João 10:17-18:

Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para dá-la, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.

Filho de Deus / Filho do homem

A expressão Filho de Deus, testifica da natureza Divina de Jesus, assim como, a expressão Filho do homem, testifica de Sua humanidade. Ou seja, Jesus é 100% Deus e 100% homem.

100% Deus, porque embora esvaziado de Sua forma Divina, o Seu pleno poder (Poder próprio de Jesus) sempre Lhe esteve acessível.

100% homem, porque Jesus, como homem, em tudo foi tentado e não pecou^{xxviii}. Como homem, Ele experimentou a alegria e a tristeza, a dor e o sofrimento, a solidão e a angústia, o escárnio e o desprezo e inclusive a sensação de ter sido desamparado pelo Pai em meio ao sofrimento. Porquanto, foi necessário que assim fosse para que Ele pudesse nos servir de Sumo Sacerdote e interceder por nossas fraquezas num sacerdócio perpétuo junto ao Pai.

No que se refere à sua Natureza Divina, é de se ressaltar, que o que testifica a respeito de Sua Divindade (em termos de obras), não é aquilo que Ele fez de sobrenatural, como, por exemplo, transformar água em vinho; acalmar tempestades; andar sobre as águas; ressuscitar mortos; curar enfermos e etc..

E sim, aquilo que Ele mesmo tendo em si mesmo pleno Poder, deixou de fazer por uma questão de obediência voluntária ao Pai; como por exemplo, não ter atendido à sugestão do diabo de transformar pedras em pão^{xxix}. Certamente isso faz dele o exemplo perfeito.

Até por que tudo o que Jesus fez de sobrenatural Ele atribuiu ao Pai: "o Pai que permanece em mim, é quem faz as Suas obras^{xxx}". "Pelo que as Escrituras nos dizem: E tudo isto provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo Jesus, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo..." - (II Coríntios 5:18-19).

Observe o exemplo: Se eu (Jeane) me coloco sob a total dependência de Deus e em virtude dessa dependência, realizo coisas sobrenaturais, isso não testifica que eu (Jeane) seja Divina; testifica apenas, que vivendo sob a total dependência do Pai, poderei realizar, em nome de Jesus, obras iguais ou maiores as que Ele realizou quando esteve aqui na terra; e isso é uma questão de fé! Por isso, afirmei que o que testifica da Natureza Divina de Jesus é o que Ele deixou de fazer em obediência voluntária ao Pai.

Jesus, entre tantas coisas que quis nos ensinar, quis nos mostrar, quão grandes coisas poderíamos realizar na obra de Deus, se nos colocássemos sob a total dependência do Pai, como Ele voluntariamente se colocou e por isso, afirmou:

Em verdade em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço. E as fará maiores do que estas, porque eu vou para o Pai. E farei tudo o que pedirdes em meu nome para que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome eu o farei. (João 14: 12-14).

A condição para o cumprimento dessa promessa na vida do crente é simples; basta ter a mesma atitude que Jesus teve em relação ao Pai durante o Seu Ministério aqui na terra. Por isso, Ele enfatizou a importância de nele permanecermos^{xxxi}; Ou seja, permanecer nele nada mais é do que viver aqui na terra como Ele viveu, isto é, na dependência do Pai.

Crer em Jesus implica em saber, que Ele em tudo foi o exemplo perfeito para a humanidade e que com base em sua submissão voluntária, Ele cumpriu todo o Seu ministério aqui na terra (vida, morte e ressurreição).

Por isso, o apóstolo Paulo afirmou que Jesus, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação o ser igual a Deus.

Há, porém, algo que precisa ficar entendido... Quando Jesus a respeito de Sua segunda vinda, disse: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai” ⁵, Ele realmente não sabia!!! Isso por que ao esvaziar-se de Sua própria Divindade Ele se tornou 100% homem.

O que “fazia” dele também 100% Deus, por ocasião de Sua vida aqui na terra, era o simples fato de seu próprio Poder estar-lhe acessível. Mas, ser o exemplo perfeito a toda humanidade implicava em não reivindicar de volta esse Poder e por isso, Ele não reivindicou.

Quando eu digo, que Jesus ao esvaziar-se da forma Divina se tornou 100% homem, digo isso, levando em consideração que o Seu pleno Poder, do qual Ele mesmo se esvaziara, poderia ser por Ele reivindicado a qualquer momento. Mas, seu próprio Poder não estava nele enquanto viveu aqui na terra, o que significa dizer que como homem, ele poderia ter pecado, mas, Ele não pecou, porque optou por voluntariamente depender do Pai, a fim de com base nessa dependência, vencer o pecado na carne e assim nos deixar o exemplo perfeito.

O fato de Seu Poder estar-lhe acessível, de forma que a qualquer momento pudesse reivindicá-lo de volta, revela-nos que Ele por todo o Seu ministério aqui na terra, teve livre arbítrio para decidi entre usá-lo ou não,

⁵ Marcos 13:32.

mas, Ele sabia que não usá-lo era a única forma de fazer manifesto o amor de Deus pela humanidade.

E tudo isso nos leva a perceber, que quando o apóstolo Paulo nos exorta a viver segundo o Espírito e não segundo a carne e nos diz que a inclinação da carne é inimizada contra Deus, Ele não está nos orientando a nada que seja impossível de ser feito, pois, ele sabia que o segredo estava em pelo Espírito mortificarmos as obras da carne. Paulo estava falando de dependência Divina como forma de vencer o pecado, a exemplo do que Jesus fez.

Isso é uma verdade estarrecedora e terrivelmente incrível, pois, explica porque Jesus é o Cordeiro perfeito para expiação dos pecados da humanidade. E devo dizer, que a concepção de que Jesus foi 100% Deus e 100% homem durante todo seu ministério aqui na terra vai contra a informação bíblica de ter sido Ele o Cordeiro perfeito e não é isso o que este livro procura mostrar.

Já percebeu que quando dizemos que Ele viveu sem pecado (o que é uma grande verdade), não nos damos conta que Ele poderia ter pecado, embora não tenha feito isso? Consegue vê a dimensão disso tudo? Quero que reflita nisso: Jesus ter o seu poder acessível e poder reivindicá-lo se assim o quisesse não significa dizer que naquele momento Seu Poder estava nele. Está tudo lá e a gente não via! Nas Escrituras, entende? Estou neste momento deverasmente maravilhada! Enfim, Ele na condição de 100% homem, deixou-nos o exemplo a ser seguido.

O leitor irá notar que não nego nada que a Bíblia afirma acerca de Jesus. Nego, porém, o que ela não

afirma a seu respeito! E fico terrivelmente maravilhada quando vejo que ao negar a auto-existência de Jesus, eu não o desminto; antes pelo contrário, eu o confirmo.

Jesus é Deus coigual, coeterno e consubstancial com o Pai! E o que este livro procura mostrar à luz das Sagradas Escrituras é de que forma se dá essa eternidade do Filho de Deus.

Jesus, como Deus que é nem ao menos poderia ter sido tentado^{xxxii} todavia, ao esvaziar-se de sua forma Divina e tomar a forma de homem, Ele com a Sua atitude de humildade obediência e submissão voluntária, deixou-nos o exemplo perfeito de como o homem pode vencer o pecado. “Como homem Ele em tudo foi tentado, e não pecou, pois como homem Ele viveu aqui na terra na total dependência do Pai.”.

Por isso, todo aquele que crê em Jesus, como acima expliquei, vence o mundo^{xxxiii}. Note que o exemplo deixado por Ele foi o de dependência Divina, o que não significa dizer que não haverá lutas, tribulações e tentações, e sim, a certeza de que nEle poderemos superar todas as coisas e sermos mais do que vitoriosos^{xxxiv}.

Por tudo isso, todo aquele que crer em Jesus vence o mundo e herda a vida eterna - “O justo viverá pela fé”^{xxxv}. Por isso, o apóstolo Paulo afirmou:

Já estou crucificado com Cristo, e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e a Si mesmo se entregou por mim. (Gálatas 2:20).

Isso tudo, faz de Jesus a encarnação da Verdade do Caminho e da Vida! Realmente Ele é o grande EU SOU!

Indubitavelmente Pedro estava certo quando confessou a Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo"... ☺

As Escrituras nos dizem: "Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus^{xxxvi}".

Confessar que Jesus Cristo veio em carne é muito mais do que uma simples afirmação.

Confessamos essa verdade quando reconhecemos que tudo aquilo que Ele sofreu, foi como 100% homem que sofreu; pois, como já falei, embora sendo Deus, Ele deixou de fazer uso do Seu próprio poder, para se colocar voluntariamente sob a total dependência do Pai, a fim de nos servir de exemplo perfeito. Uma vez convictos desta Verdade, cabe a cada um de nós vivê-la, e isso envolve o cotidiano. (Ô, glória!).

E vejam o que o historiador Will Durant^{xxxvii} disse acerca de Jesus:

Que uns poucos homens simples pudessem em uma geração, ter inventado uma personalidade tão poderosa e atraente tão sublime e ética, e uma visão tão inspiradora de fraternidade humana, seria um milagre bem mais incrível do que qualquer outro registrado nos Evangelhos.

A Exaltação de Cristo

Como homem, Jesus se colocou sob a total dependência do Pai; tendo ressuscitado^{xxxviii}, recebeu de volta todo o poder que já lhe pertencia antes da fundação do mundo. Pelo que as Escrituras Sagradas nos dizem:

E achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz. Pelo que Deus o exaltou soberanamente e Lhe deu um Nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai (Filipenses 2:8-11) - Ver também Efésios 1:17-23; I Coríntios. 15:27-28.

E prossegue dizendo:

Mas de agora em diante o Filho do homem se assentará à direita do Deus Todo-Poderoso (Lucas 22:69).

Mas, este porque permanece eternamente tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se achegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles (Hebreus. 4:24-25).

Pois, com efeito, o mandamento anterior é abrogado por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a Lei a nenhuma coisa aperfeiçoou) e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual nos aproximamos de Deus. E visto como não foi sem prestar juramento (porque na verdade, aqueles sem juramento foram feitos sacerdotes. Mas este com juramento dAquele que lhe disse: Jurou o Senhor, e não se arrependerá: Tu és Sacerdote para sempre). De tanto melhor Pacto Jesus foi feito fiador. E na verdade aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer, mas este porque permanece para sempre tem o Seu Sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os

que por Ele se achegam a Deus, porquanto vive sempre para interceder por eles. Porque nos convinha tal sumo sacerdote santo, inocente imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime que os céus; que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isso fez Ele uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo. Porque a Lei constitui sumos sacerdotes a homens que têm fraquezas, mas a Palavra do Juramento, que veio depois da Lei, constitui ao Filho, para sempre aperfeiçoado (Hebreus 7:18-28).

Convém ressaltar, que a expressão: "Feito mais excelente..." no texto bíblico acima revela a preeminência de Jesus sobre toda a criação, nos céus e na terra e debaixo da terra, tanto sobre as visíveis quanto sobre as invisíveis.

É digno de nota que nos tempos do Antigo Testamento, somente o sumo sacerdote podia adentrar no Lugar Santíssimo, uma vez por ano, a fim de oferecer sacrifícios a Deus, por seus próprios pecados e pelos pecados do povo.

Jesus veio como homem, ser o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. E isso Ele fez de uma única vez por todas, quando ofereceu a si mesmo em sacrifício ao Pai pelos pecados da humanidade. Nele todo aquele que crê é justificado diante do Pai.

Ele tendo ressuscitado assentou-se à destra do Pai de onde intercede por nós pecadores. O véu que nos separava do Lugar Santíssimo se rasgou, quando Ele completou na cruz sua missão aqui na terra. Por esta razão, Jesus é o fiador de uma melhor Aliança entre Deus e os homens.

Nele temos hoje livre acesso ao Pai, de forma que qualquer um, em qualquer lugar pode hoje elevar seus pensamentos a Deus em oração e por Ele ser ouvido, e esse acesso, é feito exclusivamente no nome de Jesus. Por isso, as Escrituras Sagradas nos dizem que Ele é o único mediador entre Deus e os homens.

Deus Filho: Deus de fato e de direito

Analisando as Escrituras Sagradas, vejo algo difícil de ser ignorado a respeito do Filho de Deus. E o que eu vejo é que o Filho tornou-se Deus de fato quando foi gerado pelo Pai antes da fundação do mundo! Isso por que o Filho foi gerado plenamente Divino! Daí a razão dos termos “tornou-se” e “herdou” usados pelo autor do livro aos Hebreus, terem sido por ele empregados em relação à Pessoa de Jesus.

O que estou a dizer é que tornar-se Deus de fato é a glória que o Filho afirmou ter recebido do Pai antes que o mundo viesse a existir, ou seja, ter sido gerado da plenitude da Essência Divina e, portanto, poder ser coigual, coeterno e consubstancial com o Pai.

Em contrapartida, tornar-se Deus também de direito, implicava em uma atitude de humildade obediência e submissão voluntária do Deus Filho ao Pai que o gerou e deu-lhe antes da fundação do mundo toda a Glória que possui.

Atitude esta, que Jesus, o Deus Filho, Deus de fato, manifestou, quando na plenitude dos tempos, não tendo por usurpação o ser igual a Deus⁶, esvaziou-se a si mesmo de sua forma Divina, tomando a forma de homem, para em total dependência e submissão voluntária ao Pai, cumprir todo o Seu ministério aqui na terra (vida, morte e ressurreição) – “O maior seja como o menor”, disse Jesus. E isso Ele mesmo fez ao tomar a forma

⁶ Filipenses 2:5-9.

de homem. Pelo que Ele não nos pediu nada que Ele mesmo não tenha feito primeiro.

Em outras palavras, o Filho de Deus, Deus de fato, tornou-se Deus também de direito quando optou por cumprir Seu ministério aqui na terra em total submissão voluntária ao Pai; o que nas palavras de Philip Yancey, significou “não ceder à tentação de ‘destruir o tentador, salvando a história humana do seu sofrimento maligno”. Até por que como Yancey sabiamente nos diz (em seu livro *“The Jesus i never knew”* - O Jesus que eu nunca conheci), “Jesus demonstrou um incrível respeito pela liberdade humana” ^{xxxix}.

E o texto bíblico nos leva a perceber que o Filho de Deus, Deus de fato, só teve Seu Trono perpétuo confirmado, depois de haver cumprido Seu ministério aqui na terra; fato este que conforme já demonstrado, tornou-o Deus também de direito, não obstante Ele já fosse Deus de fato.

Isso explica o porquê de Lúcifer haver se rebelado e o porquê dele haver em vão tentado impedir que o Filho de Deus seguisse o Plano Original na redenção do homem e por isso, na cruz Jesus declarou: “Pai, está consumado!”.

E assim, a atitude voluntária de Jesus torna inquestionável Sua Divindade porque por meio dessa atitude Ele embora já sendo Deus, revelou toda Sua grandeza. Até por que ser Deus e ainda assim, esvaziar-se a si mesmo de Sua forma Divina, para em tudo voluntariamente depender do Pai é, sem dúvidas, uma atitude de uma grandiosidade imensurável. Por esta razão, o autor aos hebreus escreveu:

Embora sendo Filho, ele aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu; e uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte de eterna salvação para todos os que lhe obedecem. (Hebreus 5:8).

Na cruz, Jesus derrotou o diabo e por isso, disse haver completado Sua Obra aqui na terra. “A cruz”, como diz Philip Yancey, “desmascarou o diabo e revelou o caráter de Jesus”; isto por que o diabo não sendo igual a Deus, ambicionou ser igual; Por sua vez, Jesus, sendo em forma de Deus não teve por usurpação o ser igual a Deus.

Jesus, enquanto esteve aqui na terra, estava cômico de que o caminho mais fácil para acabar com todo o sofrimento humano seria, fazendo uso de Seu próprio Poder, aniquilar de uma vez por todas o mal; todavia, numa atitude inegável de amor, Ele optou por respeitar a liberdade de escolha do homem que havia criado. Philip Yancey comenta isso de uma forma muito interessante em seu livro “O Jesus que eu nunca conheci”. E como ele mesmo diz, realmente é complicado entender tudo isso quando se ainda está vivendo num período intermediário.

Ele nos chama a atenção para o fato de que “Jesus, como Filho de Deus que é, poderia ter escolhido uma família rica, um lar cheio de glamour, uma cidade bonita e sofisticada; poderia ainda, ter feito uso do Seu Poder para se livrar do cansaço, do enfado e da fadiga; E, no entanto, Ele nasceu numa família pobre que nada lhe podia oferecer ao não ser uma simples manjedoura rodeada por bois, vacas e jumentos.”.

E ele prossegue dizendo: “Ele experimentou fome dor, tristeza, angústia e inclusive a sensação de ter sido abandonado pelo Pai em meio ao sofrimento. ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes?’, clamou Jesus ao Pai quando por ocasião de Sua crucificação. E antes de haver sido preso, estando no Getsêmani^{xl}, chegou a pedir: ‘Afasta de mim este cálice. Não seja, porém, o que eu quero, e sim, o que tu queres’”. Pelo que as Escrituras Sagradas, nos afirmam:

Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam. (Romanos 15:3).

E não obstante o sentimento que experimentou de haver sido desamparado pelo Pai quando por ocasião de sua crucificação, Jesus em seu último suspiro, clamou: “Pai, nas tuas mãos eu entrego o meu espírito”. E isso Ele fez porque sabia que valia a pena confiar. Pelo que as Sagradas Escrituras nos dizem:

Porque assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de Um, muitos serão constituídos justos. (Romanos 5:19).

E prossegue dizendo:

Porque convinha que Aquele para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o príncipe da salvação deles. Porque foi para isto que Cristo morreu e tornou a viver, para ser Senhor tanto de mortos como de vivos. (Hebreus. 5:8-9; Hebreus. 2:10 e Romanos 14:9).

“Era desprezado, e rejeitado dos homens; homem de dores, e experimentado nos sofrimentos”, dizem as Sagradas Escrituras a Seu respeito e prossegue dizendo:

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas; porém, um que como nós em tudo foi tentado, mas sem pecado. (Hebreus 4:15).

Vale ressaltar, que Deus, por intermédio de Sua Palavra nos mostra que um dia Ele há de aniquilar de uma vez por todas o mal. E até que essa promessa se cumpra, Jesus, havendo ressuscitado, permanece à destra do Pai, de onde intercede pela humanidade. E foi para nos mostrar que vale a pena confiar, que Jesus operou sinais e maravilhas.

Observe: O milagre da multiplicação dos pães nos mostra o poder que Deus tem Poder de acabar com a fome da humanidade. O milagre da ressurreição de Lázaro nos mostra o poder que Ele tem sobre a morte - Nele há esperança! Ou seja, a morte não é o fim de tudo! O milagre de dar vista aos cegos de nascença nos mostra o poder que Ele tem de operar o que ao homem parece impossível.

Dessa forma, todos esses milagres e todos os muitos outros que Ele realizou, deixam bem claro a mensagem: “Confie! Não me falta Poder para aniquilar de uma vez por todas o mal! Há, contudo, uma razão para eu não fazer isso agora. Tão-somente confie!”.

Indubitavelmente tudo isso faz de Jesus, Deus de fato e de direito. Louvado seja o Seu nome sempre e eternamente!

Terceira Parte

“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna e são elas que dão testemunho de mim”.

(João 5:39).

A Relação Pai e Filho na Eternidade

O historiador Earle E. Cairns^{xli}, em seu livro “O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã”, narra que entre 313 e 451, houve dois grandes períodos de controvérsia teológica na história da Igreja, em que Concílios universais ou ecumênicos de líderes da Igreja, foram convocados a fim de resolver esses conflitos, tendo como resultado os credos niceno e atanasiano.

Ele explica que a controvérsia sobre problemas teológicos aconteceu tarde na história da Igreja antiga, porque nos tempos da perseguição, a submissão a Cristo e à Bíblia era mais importante do que o significado de certas doutrinas e que foi em razão da ameaça do Estado, que a Igreja optou por buscar a unidade interna a fim de se manter coesa.

Earle prossegue dizendo, que a tentativa de Constantino de unificar o Império para salvar a civilização clássica, significou que a Igreja precisaria ter um corpo unificado de doutrinas se quisesse ser o cimento capaz de manter unido o corpo político.

E segundo Ele o relacionamento entre Deus, o Pai, e o Seu Filho Jesus Cristo na eternidade constituiu-se num grave problema na Igreja logo depois de encerrada a fase das perseguições, tendo essa controvérsia se centralizado mais na parte oriental do Império.

Earle nos conta que entre 318 ou 319 d. C., Ário, erudito asceta, pregador popular e um dos presbíteros de Alexandria, em seu desejo de evitar uma concepção

politeísta de Deus, acabou concebendo uma doutrina que recusava a verdadeira Divindade de Cristo e por esta razão, ele discordou da definição de Trindade em “três pessoas distintas numa única Essência”.

Earle esclarece que a questão era basicamente soteriológica: “Poderia Cristo salvar o homem se Ele era um semideus, menor que Deus e de Essência semelhante ou diferente do Pai?”, “Como era a Sua relação com o Pai?”. E conta que a controvérsia cresceu tanto que Alexandria teve que condenar Ário através de um sínodo. E que em razão disso, ele fugiu então para o palácio de Eusébio de Nicomédia, que fora seu companheiro de estudos.

Segundo Earle com a centralização da polêmica na Ásia menor, cindiu-se a unidade do império e da Igreja. E diz que visando resolver o problema, Constantino escreveu cartas ao bispo de Alexandria e a Ário, mas que a polêmica já extrapolava o âmbito de uma carta do imperador e que por esta razão, o imperador convocou os bispos da igreja e presidiu o concílio que se reuniu em Nicéia no começo do verão de 325 d.C., com o objetivo de encontrar uma solução para a controvérsia.

E Earle diz ainda que: “Essa atitude do imperador em convocar e presidir o concílio demonstrava que a Igreja encontrava-se dominada pela liderança política do chefe do Estado, porém, os bispos estavam muito preocupados com a heresia teológica para atentarem para este problema.”.

Segundo sua narrativa, três partidos se formaram nesse Concílio:

1) *Ário*, apoiado por Eusébio de Nicomédia e por uma minoria dos presentes, insistiu que Cristo não existiu desde a eternidade, mas, que começou a existir por um ato criativo de Deus antes do tempo. Segundo ele Cristo era, então, de Essência ou substância diferente (heteros) do Pai e pela excelência da Sua vida, por Sua obediência à vontade de Deus, pôde ser considerado Divino. *Ário* acreditava que Cristo era um ser criado a partir do nada, subordinado ao Pai e de Essência diferente do Pai e que por esta razão, não era coigual, coeterno e consubstancial com o Pai. Para ele Cristo era divino, mas, não era Deus;

2) *Atanásio* constituiu-se no principal defensor daquilo que seria a interpretação ortodoxa. No concílio de Nicéia, este jovem de 30 anos, defendeu que Cristo existiu desde a eternidade com o Pai e que é da mesma Essência (homousios) com o Pai, embora fosse uma personalidade distinta. Ele insistia nesta interpretação porque cria que se Cristo fosse menor do que Ele mesmo afirmava ser, não poderia ser o Salvador dos homens. Para ele o relacionamento entre o Pai e o Filho tinha muita importância na questão da salvação eterna do homem. Achava ele que Cristo era coigual, coeterno e da mesma substância com o Pai e por estas ideias ele conheceu o exílio cinco vezes antes de morrer;

3) O maior partido foi liderado por *Eusébio de Cesaréia*, erudito refinado e historiador eclesiástico, cuja aversão por controvérsias levou-o a propor uma interpretação que pudesse ser aceita pelos dois outros grupos. Ele propôs uma doutrina que combinasse as melhores ideias de *Ário* e *Atanásio* e na ocasião, mais de 200 dos presen-

tes seguiram de início suas colocações. Para ele Cristo não foi criado do nada como Ário entendia, mas foi gerado pelo Pai antes da eternidade. E defendeu que Cristo era de Essência igual (homoi) ou semelhante ao Pai. Esta crença tornou-se a base do credo que ao final seria elaborado em Nicéia, mas que dele diferia ao afirmar a unidade de essência ou substância do Pai com o Filho, assim, a ortodoxia teve uma vitória temporária em Nicéia, com a afirmação da eternidade de Cristo e a identidade de Sua substância com o Pai.

Earle esclarece que o credo formulado aí não deve ser confundido com o Credo Niceno usado hoje pela igreja. Segundo ele o credo de 325 para na frase “E no Espírito Santo” e é seguido por uma seção condenatória das ideias de Ário.

Ele conta que entre 325 e 361, com Constantino e seus filhos, a ortodoxia teve que enfrentar uma reação que provocou a sua derrota, resultando na vitória temporária do Arianismo. Tendo ocorrido, porém, uma segunda reação contra a ortodoxia, com uma vitória final em 381, que teve lugar entre 361 e 318.

E ainda segundo ele Teodósio definiu como a fé dos verdadeiros cristãos as doutrinas elaboradas pelos ortodoxos de Nicéia, mas esclarece que os anos entre 325 e 381 foram marcados pelo ódio e pela briga. E que o Concílio de Constantinopla em 381 estabeleceu no Cânon 1 de suas decisões que a fé dos 381 pais de Nicéia ‘não deveria ser abandonada, mas, deveria permanecer como a correta.’... e também, que o arianismo, ao qual estão relacionados o modernismo e o unitarianismo de

hoje foi rejeitado como doutrina não ortodoxa; tendo a verdadeira Divindade de Cristo sido feita artigo de fé.

Earle explica que o Concílio de 325 em Nicéia marcou a separação entre as Igrejas oriental e ocidental, sendo que a partir daí, a Igreja no ocidente foi se tornando cada vez menos dominada pelo poder político do Estado, o que por sua vez, não ocorreu com a igreja do Oriente.

Análise que faço do relato feito por Earle

Percebe-se de seu relato, que os Pais da Igreja, na ânsia de defenderem a Divindade de Jesus, dogmatizaram esta Verdade sem se preocuparem em explicar os muitos textos bíblicos que são mencionados neste livro. E isso leva a duas possibilidades: (1) Negar a Divindade de Cristo como Ário fez, ou, (2) dogmatizá-la em detrimento de suas próprias dúvidas e questionamentos como Atanásio e Eusébio de Cesaréia fizeram.

E isto, a meu ver, pode ter sido a causa de muitos terem rejeitado a Divindade de Jesus como sendo um fato. E bem sabemos que uma pequena dúvida não sanada hoje pode ser a causadora de um abismo de incredulidade amanhã.

De minha parte tenho percebido acerca dos paradoxos bíblicos, que eles, na verdade funcionam como uma espécie de pedras de um quebra-cabeça, as quais, quando juntadas revelam toda a coerência do relato bíblico. Uma coerência que só pode ser percebida quando esses paradoxos bíblicos são levados em consideração, e não, em detrimento deles.

Por certo, foi a partir da união da igreja com o Estado e dessa tentativa desesperada de dogmatizar a fé, que a igreja passou a perder sua essência neotestamentária, tão ansiada nos dias de hoje. E isso eu lamento profundamente. E é fato histórico as muitas atrocidades relatadas no decorrer de sua história, a partir de então. E a maior prova da perda de visão por parte da Igreja já no terceiro século, está no fato de Ário ter sido condenado ao exílio por ter questionado a doutrina Cristã. Esta por certo não teria sido a atitude de Jesus, pois, como diz Philip Yancey “Nunca percebi Jesus torcendo o braço de alguém. Antes declarava as consequências de uma escolha, depois jogava de volta para a pessoa”.

Jesus é a Verdade! A Bíblia cujas características tão singulares foram citadas por Josh McDowell, afirma isso! É tolice encarar as dúvidas e questionamentos como sendo inimigas da fé. Deus está interessado em nossos francos questionamentos. O que Ele não se agrada, é da atitude do que questiona por amor ao questionamento em si. E repetindo as palavras de Philip Yancey “onde não há lugar para dúvidas, não há lugar para a fé”. Pense nisto! E “cresci na Graça e no Conhecimento de Deus”, dizem as Escrituras.

Pais da Igreja⁷: Eles Estavam Errados

O que se percebe dos escritos bíblicos, é que ao contrário do que Ário acreditava, Jesus não foi considerado Divino, pela excelência de Sua vida e por Sua obediência ao Pai, isso por que antes mesmo de Sua encarnação Ele já era Deus de fato, ou seja, Ele já era plenamente Divino.

Até por que, conforme já demonstrei anteriormente tornar-se Deus de fato é a glória que o Filho afirma ter recebido do Pai antes que o mundo (visível e invisível) viesse a existir (João 17:4, 5 e 24b), ou seja, ter sido gerado da plenitude da Essência Divina e, portanto, poder ser coigual, coeterno e consubstancial com o Pai.

E, além disso, já foi dito ainda, que o Deus Filho, Deus de fato, é também Deus de direito, porque optou por voluntariamente se submeter em total obediência e submissão ao Pai que o gerou e Lhe deu antes fundação do mundo, toda a Glória que possui.

Ário, equivocadamente defendia que Jesus foi criado do nada. É digno de nota, que ele soube por intermédio da Bíblia que existe um Deus e, no entanto, desconsiderou o que esta Bíblia realmente diz a respeito desse Deus. Onde estou querendo chegar? Simples. Se eu me faço valer da Bíblia para saber que existe um Deus, Criador de todas as coisas, também devo me fazer valer dessa mesma Bíblia que afirma que Jesus é Deus,

⁷ Aos líderes dos primeiros séculos da história da igreja Cristã, deram-se o nome Pais da Igreja.

que estava no princípio da criação e por meio dele tudo o que foi feito se fez.

O Deus Filho foi gerado! Digo isso com base nos muitos textos bíblicos que nos mostram essa verdade. Mas, também sei que apesar de ter sido gerado, Ele é Deus porque “foi do agrado do Pai que nele habitasse toda a plenitude da Divindade” (Colossenses 1:19); até por que o Pai reconhece a Divindade do Filho, embora o tenha gerado e por isso, a Seu respeito, diz:

Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, cetro de equidade é o cetro do teu reino (Hebreus 1:8).

Leia todo o texto de Hebreus 1:1-14 e note que estas foram palavras do Pai em relação ao Seu Filho. Note que Deus Pai se refere ao Filho como sendo Deus. Não posso afirmar o que a Bíblia não disse, mas, também não posso negar o que ela afirmou. Tenho razões de sobra para acreditar ser ela digna de crédito. E por isso, afirmo: Ele realmente é Deus em toda a Sua plenitude. E por meio unicamente dEle importa que sejamos salvos, conforme nos deixam claro as Sagradas Escrituras.

Disse Jesus: “Eu e o Pai somos Um” (João 10:30). E essa Unidade com o Pai, se dá não apenas em termos de unidade de propósitos, mas, em termos de unidade de Essência.

Ter sido o único gerado da Essência Divina faz dele Divino em toda a Sua plenitude por isso, Ele é o Unigênito de Deus, coigual, coeterno e consubstancial.

Ário, novamente equivocado, acreditava que Cristo era subordinado ao Pai. Todavia, Jesus, falando a res-

peito de si mesmo, declarou: "mas, assim como o Pai me ordenou, assim mesmo faço, para que o mundo saiba que eu amo o Pai..." (João 14:31).

E vale lembrar, que Jesus não foi esvaziado de sua forma Divina. Partiu dele essa decisão de por amor ao Pai se submeter em obediência voluntária.

Por sua vez, Atanásio defendia que Cristo existiu desde a eternidade com o Pai. Que Cristo é coigual, coeterno e consubstancial com o Pai, porque entendia que se assim não fosse Ele não poderia ser o Salvador dos homens. Contudo, ele estava equivocado, pois, embora Jesus tenha sido gerado pelo Pai, Ele é plenamente Divino, pois, como já foi dito, ao ter sido gerado da plenitude da essência do Pai, Ele se tornou Deus de fato. Contudo, o ter sido gerado pelo Pai não o diminui como Deus que é, porque como também já foi dito, a submissão voluntária do Filho ao Pai, conferiu-lhe a capacidade de ser Deus também de direito, visto que Ele sendo Deus, não teve por usurpação o ser igual a Deus.

Eusébio de Cesaréia entendia que Cristo era de substância igual (homoi) ou semelhante ao Pai. Mas, ele deixa de esclarecer o que quis dizer, quando defendeu que "Cristo foi gerado pelo Pai antes da eternidade".

Se ele usou esse termo como forma de defender a auto-existência de Jesus, então ele se equivocou. Não existe tempo antes da eternidade! Por outro lado, o que se pode dizer é que assim como na eternidade atemporal houve um "determinado momento" em que o mundo foi criado, nesta mesma eternidade atemporal, e não antes dela, houve um "determinado momento" em que o Filho foi gerado.

Eusébio de Cesaréia, também se equivocou, pois, conforme a Bíblia nos leva a perceber, Cristo é Um em Essência com o Pai (consustancial), o que faz dele também coigual e coeterno com o Pai, e não apenas, possuidor de substância semelhante ao Pai.

Os muitos textos bíblicos que servem de base para a tese que defendo neste livro, mostram-nos que o Deus Filho foi gerado pelo Pai, num determinado momento da eternidade antes do mundo ter sido criado, por isso, Ele é antes de todas as coisas (preexistente).

É de se ressaltar, porém, que a Bíblia não afirma a auto-existência de Jesus, mas, ela afirma: João 5:26; Colossenses 1:19; e João 17:4, 5 e 24 b, e outros. O que a Bíblia afirma é a pré-existência e a Divindade plena de Jesus, e isso, este livro não nega!

Talvez, alguém se pergunte: “Com que direito a autora ousa questionar os pais da igreja?”, ao que respondo: “Com o mesmo direito que os crentes de Beréia tiveram de querer ter certeza se o que o apóstolo Paulo pregava estava ou não em conformidade com as Sagradas Escrituras” – E olha que Paulo, na ocasião, já era bastante conhecido por seu ministério. E, no entanto, por terem tido tal atitude os cristãos bereianos, foram tidos como mais nobres que os demais.

Como se pode ver, para eu explicar porque os pais da Igreja estavam equivocados, foi necessário rever seus posicionamentos.

Considerações Importantes

1) Não obstante reconhecer, que este livro deixa no ar a pergunta: "De que forma, então, Ele foi gerado pelo Pai?", deixo de responder esse questionamento por um motivo bem simples: conforme se pode notar das várias referências bíblicas citadas, os argumentos aqui apresentados, estão todos embasados nas Sagradas Escrituras: Antigo e Novo Testamento e em especial, nas palavras de Jesus; e por esta razão, ousei defender esta tese que talvez, para muitos, seja polêmica.

Uma vez que as Escrituras não nos dão base para uma resposta fidedigna a essa questão que ficou no ar, e que a especulação, sem a base bíblica necessária, poderia levar à heresia, reservo-me o direito de não tentar respondê-la.

Fato é que a tese aqui defendida, é resultado da "conjugação" de textos bíblicos que afirmam: que Jesus foi gerado e é Um com o Pai (consustancial); que Ele é o Primogênito de toda a criação e Unigênito em termos de filiação com o Pai; que foi do agrado do Pai que Nele habitasse toda a plenitude da Divindade bem como, declarações do próprio Jesus a respeito de Si mesmo.

2) Reconheço o valor que os "Pais ^{xlii} da Igreja", tiveram e ainda tem, na defesa da fé cristã. Estes, porém, no afã de defenderem a Divindade de Jesus, deixaram "brechas" em seus conceitos cristológicos.

Devemos confessar que a existência dessas brechas deixadas pelos pais da Igreja, fazem com que o conceito por eles desenvolvido, seja insuficiente para responder a questionamentos como aquele feito por Ário.

E não podemos nos esquecer que em nossos dias, estas brechas ainda se constituem em empecilhos para muitos. Pelo que pergunto: "Será que a ausência dessa resposta, não tem se constituído numa interrogação até mesmo dentre os que creem?". Isso por que sem uma resposta coerente com o todo das Escrituras, fica difícil entender a relação entre Pai e Filho na eternidade. E isso, este livro, deixando a Bíblia falar por si mesma, procura corrigir.

Na Idade Média, os reformadores^{xliii}, embora, colocando as Escrituras em primeiro lugar, não quiseram negar a História. Estudaram os Pais da Igreja e só lhes davam o valor na medida em que professavam doutrinas em harmonia com as Escrituras.

O próprio Lutero, embora tivesse os Pais da Igreja em alta estima, criticou a exegese destes, dizendo terem eles se deixado guiar por suas ideias e imaginações, não deixando que o Espírito Santo os guiasse.^{xliv}

3) O objetivo deste livro, é chamar a atenção do leitor para a importância de se levar em consideração os muitos textos bíblicos que aqui são mencionados. E não precisamos nos preocupar com aparentes contradições, porque a Bíblia responde a si própria.

4) Embora, eu saiba que a análise do texto no original grego, seja de suma importância, a análise feita neste livro de palavras, como: gerado, primogênito, e outras, foi feita com base no dicionário português.

Porém, se pensarmos que aquilo que temos hoje como tradução, não transmite idoneamente o sentido que os autores quiseram expressar, colocamos a Bíblia

traduzida numa posição delicada no que se refere à sua fidedignidade como regra de conduta e fé.

Vale lembrar, porém, que já nos primeiros séculos da Igreja, a existência dos versículos citados neste livro (principalmente dos que tratam da Geração do Filho), veio a causar sérias controvérsias, dentre elas, a que ficou conhecida como arianismo, conforme já vimos aqui.

E embora, Ário estivesse errado em suas conclusões a respeito de Jesus, a existência destes textos já naquele período, comprova que estes não são frutos de erros de traduções, como alguns poderiam alegar.

A Trindade

Porque são três que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes Três são Um. E Três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num (I João 5.7,8).

Tertuliano (que viveu no séc. III da Igreja cristã) definiu Trindade como: "três Pessoas distintas numa só Essência". E ele se baseou nas Escrituras Sagradas quando criou esse termo como definição de Deus. De forma que a crença na Trindade é plenamente compatível com o monoteísmo, visto que não existem três Deuses, e sim, um Único Deus que é trino, haja vista, a Essência ser uma só. O termo "Trindade" não foi criado por ele a partir do nada. Na verdade o termo apenas traduz o que dizem as Sagradas Escrituras a respeito do Pai, Filho e Espírito Santo serem um.

Valendo-me das palavras do teólogo Louis Berkhof, ao ter sido gerado pelo Pai da plenitude de Sua Essência Divina, "o Filho tornou-se num segundo^{xlv} modo de existência dentro do Ser Divino", daí o motivo de ser o Filho uma Personalidade dentro da Trindade. O que também explica o uso dos termos "tornou-se" e "herdou", usados pelo autor deste livro aos Hebreus. Até por que ninguém se torna naquilo que já é.

E esta conclusão se dá, quando se leva em consideração todos os muitos textos bíblicos que são citados neste livro, bem como, as declarações que o próprio Jesus fez acerca de si mesmo.

Tudo o que fiz foi deixar a Bíblia falar por si mesma, pois, da mesma forma como a Bíblia fala por parábolas, ela também faz afirmações explícitas. Quer um exemplo? “A salvação é pela graça por meio da fé^{xlvi}”. E da mesma forma, ela também faz as afirmações que cito neste livro.

Devo esclarecer, que ao tratar do assunto Jesus, o Deus Filho, eu (Jeane) não estou estabelecendo uma hierarquia dentro da Trindade e sim, falando acerca de uma das Pessoas da Trindade que é Jesus Cristo. Até por que são um em essência! A única hierarquia que há entre Eles se dá apenas em termos de ordem de existência. Ficando claro nas Escrituras que a submissão do Filho ao Pai se deu numa atitude altamente voluntária.

E vale ressaltar, que fica claro nas Escrituras Sagradas que a Trindade atua em perfeita Harmonia e Santidade como o foi, por ocasião da criação do mundo: Façamos!

E uma vez que Jesus é, assim como o Pai, perfeitamente Santo (pois, da mesma essência), os Seus Propósitos são perfeitamente harmoniosos com os Santos Propósitos do Pai. Isso por que como já foi dito, indubitavelmente não existem três Deuses, e sim, um Único Deus que é trino.

Como Deus, 100% Deus, Jesus jamais se rebelaria contra o Pai, porque ser Deus implica em ser perfeitamente Santo. Mas, como homem, 100% homem, Ele poderia ter se rebelado; contudo, não se rebelou! Antes, glorificou aquele que antes da fundação do mundo lhe concedeu ter Vida em si mesmo.

O credo à luz das Sagradas Escrituras

Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo (II Pedro 1:20-21).

Este capítulo funciona como uma espécie de resumo de tudo o que já foi dito até agora, com a intenção de mostrar o Credo segundo as Sagradas Escrituras.

Jesus é Deus, digno de toda a Honra, Glória, Majestade e Louvor! Ele foi gerado pelo Pai e por isso é o Unigênito de Deus - gerado, e não criado. Ele é o primogênito de Deus em relação a toda a criação e Unigênito em termos de filiação com o Pai. Ele é a expressa imagem⁸ de Deus Pai. E seu trono jamais se acabará!

Só existe um Deus e este Deus é Trino, porém, Um em Essência.

Toda a Glória que o Filho de Deus possui, Ele a recebeu do Pai antes que o mundo fosse criado, porque foi do agrado Pai que Nele habitasse toda a plenitude da Divindade. Ele é antes de todas as coisas e por esta razão, estava no princípio da Criação, ocasião em que tudo (visível e invisível) foi criado por Ele e para Ele. Por isso, Jesus é pré-existente porque já existia antes que o mundo fosse formado.

Todavia, embora o Deus Filho seja pré-existente Ele não é auto-existente porque foi gerado pelo Pai da

⁸ Se quisermos saber como Deus é, basta que olhemos para Jesus!

plenitude de Sua Essência Divina, antes da fundação do mundo, num determinado momento da eternidade.

Deus Pai tem a Vida em si mesmo e concedeu ao Filho também ter a Vida em si mesmo (João 5:26). De forma que Deus Pai é o Ser não causado, por isso, Eterno e o Filho Eterno, por ter sido gerado da plenitude da Essência Divina; ou seja, em razão de sua consubstancialidade com Pai o Filho também se faz Eterno. Por isso, Jesus é o Alfa e o Ômega! O Primeiro e o Último! O que significa ser o único gerado da plenitude da Essência do Pai: O Unigênito de Deus!

Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou (João 1:18).

Jesus veio ao mundo em carne e como homem em tudo foi tentado e não pecou. Tudo o que Ele fez, fez sob a total dependência voluntária ao Pai e nisso o Pai o glorificou e lhe deu um nome que é sobre todo o nome.

O Seu próprio Poder Divino sempre Lhe esteve acessível, enquanto na condição de homem, mas deixou de fazer uso dele para em obediência e submissão voluntária operar todas as coisas na dependência do Pai, por ocasião de Seu ministério aqui na terra, a fim de nos servir de exemplo perfeito.

Todo homem comete pecado e é pecador e o pecado o afasta de Deus. Somente por meio do Sangue derramado por Cristo Jesus na cruz do Calvário, o homem pode ser justificado diante de Deus, por meio da fé. Em outras palavras, somente pela fé em Cristo Jesus essa justificação acontece. E como outrora disse um certo pregador: “Ninguém vai para o inferno porque pecou, até por que o preço pelo pecado já foi pago na cruz. E

sim, porque deixou de aceitar o sacrifício que já feito por Jesus há dois mil anos atrás”.

Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida e que ninguém pode ir ao Pai, senão por intermédio dEle. Ele é o único mediador entre Deus e os homens. Seu nome é o único nome pelo qual importa que sejamos salvos.

Ele é o Grande EU SOU! O Verbo de Deus, que no princípio estava com Deus e é Deus. O Verbo de Deus que não teve por usurpação o ser igual a Deus, mas, esvaziou-se a Si mesmo, tomando a forma de homem e fazendo-se semelhante aos homens a fim de manifestar o Amor que Deus Pai tem por toda a humanidade; e também para deixar-nos o exemplo perfeito de como devemos viver na presença de Deus. E esse exemplo perfeito deixado por Ele se resume em dependência Divina, por meio da qual, o homem vence o pecado e se mantém firme na presença de Deus. Enfim, Ele é o Verbo de Deus que estava com Deus no princípio da criação e que se fez carne a fim de habitar entre nós.

Cristo em tudo foi tentado e não pecou. Morreu e ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus, onde se assenta à destra do Pai, até que todas as coisas lhe estejam sujeitas. Após isso, Ele mesmo há de se sujeitar Aquele que lhe sujeitou todas as coisas. Até que isso aconteça, ele intercede por nós junto ao Pai.

Após sua morte e ressurreição, Ele comissionou os apóstolos que escolhera, e os enviou a pregar o Evangelho que hoje tem chegado até nós; aos quais também, depois de haver ressuscitado, apresentou-se vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por es-

paço de quarenta dias, falando-lhes acerca do Reino de Deus.

O que aconteceu no dia de Pentecostes é promessa para todos os que creem. A Igreja é o Corpo de Cristo e Ele é a cabeça da igreja. Os dons foram dados à igreja para edificação do corpo.

Um dia Ele voltará para buscá-la e para Julgar as nações. Haverá novos céus e nova terra.

Bibliografia

SANTO, Espírito - **“As Sagradas Escrituras”**.

LEWIS, C. S. - **"A Essência do Cristianismo Autêntico"** - Ed. Abu - São Paulo/SP. Pág. 89.

YANCEY, Philip - **“O Jesus que eu nunca conheci”** - Traduzido por Yolanda M. Krieven - Ed. Vida - São Paulo / SP. 1999.

CAIRNS, Earle E. **“O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã”** | Earle E. Cairns; tradução Israel Belo de Azevedo |. - 2 ed. - São Paulo : Ed. Vida Nova, 1995.

BERKHOF, Louis - **“Manual de Doutrina Cristã”** - (pág. 70, 72 e 73) - Ed. L.P.C.. SP.

Sobre a Autora

A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumeja; com verdade trará justiça. (Isaías 42:3).

Numa noite há muitos anos atrás, quando eu ainda era uma criança, pude pela primeira vez, ter consciência da presença de Deus em minha vida. Os anos se passaram e essa percepção sempre me foi muito clara, e isso, independente da situação em que eu me encontrasse diante dEle.

Veza ou outra, surpreendo-me recordando de minhas orações de menina; nessas orações desejava um dia ter minha família constituída, e com esta, em meus sonhos de criança, íamos à igreja adorar a Deus e ouvir Sua Palavra. Imaginava-me ensinando aos meus filhos, sobre o amor de Deus e Sua fidelidade.

Os anos se passaram e o meu sonho de menina não aconteceu. Na verdade minha vida tomou rumos, que por um lado foi bom. Mas, apenas por um lado...

Nasci e me criei na igreja e quando era ainda muito jovem, Deus, por intermédio de experiências maravilhosas que tive com Ele fez-me saber que tinha um plano em minha vida. Plano, que ao longo dos anos, foi sendo-me confirmado de maneira que nunca pude ter dúvidas.

Por convicção, ingressei no Seminário Teológico e foi lá que passei a pensar na minha fé não apenas do ponto de vista de quem crer, mas, também do ponto de vista de quem racionaliza em cima dela. Isso de certa

forma foi bom, pois, pude descobrir que minha fé resiste a francos questionamentos.

Até por que a mesma Bíblia que diz que "sem fé é impossível agradar a Deus" (Hebreus 11:6), é a mesma que em 1 Pedro 3:15, nos diz: "Antes, santificai ao SENHOR Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós".

Diante disso, eu diria que o grande problema não está no fato de se usar a razão, para pensar em assuntos concernentes à fé, e sim, quando em detrimento do crescimento na Graça (que se dá por meio da fé), fazemos uso da razão. Ambos precisam andar juntos, entende? Observe que a Bíblia a todo o momento nos alerta nesse sentido. Note que em nenhum momento, ela nos convida a uma fé cega, porquanto, o segredo de uma vida cristã vitoriosa está no equilíbrio entre essas duas forças: fé e razão. Vejo, porém, com tristeza que me faltou esse equilíbrio. Valorizei o conhecimento em detrimento do crescimento na Graça.

Talvez você me pergunte "como isso se deu?", ao que respondo: "todas as vezes que estive ocupada demais pra orar e pra meditar em Sua Palavra, levaram-me a negligenciar a importância de se buscar esse crescimento na Graça". Fato é, que a nossa fé é fortalecida à medida que nos relacionamos com Deus e meditamos em Sua Palavra. A ausência disso nos leva a uma fraqueza espiritual tal, que à nossa volta tudo se torna como um grande Golias, que nos parece difícil de vencer.

Quantas vezes, Deus quis que em oração eu falasse com Ele? Não foram poucas as vezes!!! Eu não queria

perceber, que acima de qualquer coisa, Ele queria desenvolver comigo um relacionamento pessoal. Eu estava ocupada demais fazendo Sua Obra. Faltou-me, porém, dar do meu tempo ao Dono da Obra. E assim, com a fé já enfraquecida, minha tendência de olhar para o lado, tornou-se inevitável.

Lembro-me que quando eu tinha apenas 11 anos de idade eu não prestava o mínimo de atenção nos cultos da igreja e conversava e andava durante todo o tempo em que o pastor pregava. Mas, naquele dia, foi como se Deus, de maneira bastante persuasiva estivesse me dizendo: "Olhe pra frente! Preste bem atenção, pois, hoje eu vou falar contigo"; essa experiência se deu em meio a toda minha agitação de criança dentro da igreja. Parei de repente e pela primeira vez, prestei atenção.

Naquele dia, o pastor pregou sobre quando Pedro andou sobre águas e mostrou que as águas turbulentas nas quais Pedro andou, representam a igreja no mundo. Enquanto olhou para Cristo, ele conseguiu fazer o que parecia impossível: andar sobre as águas. Mas, quando ele olhou para o lado, viu coisas que fez com que sua fé se enfraquecesse. Isso por que as águas turbulentas, dizem respeito aos problemas que enfrentamos e às decepções que passamos: Aquele irmão tão abençoado que nos decepcionou; aquele homem de Deus, que por fraqueza caiu; ou, aquele picareta que se fazia passar por ovelha, além, é claro, dos problemas em geral que enfrentamos em nossa vida cotidiana. Enfim, "n" coisas que se apresentam diante de nós durante nossa caminhada com Deus. Eu precisaria olhar pra frente... olhar pra Jesus! Essa era a lição que Ele queria me ensinar naquela noite.

E vejo que Ele estava me preparando para o que hoje eu estaria passando.

Contudo, para a minha vergonha, acabei pedindo afastamento do rol de membros da igreja onde eu congregava. Todavia, incomoda-me o fato de estar afastada, visto que reconheço a Igreja (povo de Deus reunido) como sendo o Corpo de Cristo, do qual, eu nunca deveria ter-me desligado - "Ora, vós sois o corpo de Cristo, e individualmente seus membros" - afirmam as Sagradas Escrituras em relação à Igreja.

É de se ressaltar, que os motivos que me levaram a esse afastamento tinham a ver unicamente com o meu descontentamento com a igreja em geral como instituição.

"Mas, ao olhar para os Evangelhos, em nenhum momento eu vi neles o incentivo neste sentido de afastamento da igreja - muito pelo contrário. Inclusive não vi incentivo nesse sentido, nem mesmo, quando percebi a visão realista que Jesus tinha de como o mundo reagiria a Ele." (Philip Yancey).

E quando medito na parábola do joio e do trigo vejo quão patente essa realidade da igreja de nossos tempos lhe era, por ocasião de Sua crucificação e ainda assim, Ele julgou que valia a pena morrer na cruz em meu lugar e no seu.

Erradamente saí e não há nada que eu possa dizer que justifique tal atitude. Preciso voltar. Orem por mim nesse sentido. Conto isso, pra que vocês não venham a cometer o mesmo erro que cometi.

Lembrem-se: nem mesmo a Obra de Deus pode ocupar lugar mais importante do que o próprio Deus.

Tenho errado diante de Deus e ainda assim, Ele me faz saber que nunca desistiu de mim e sei que Ele também não desiste de você. A bem da verdade as minhas muitas inquietações acerca de como seria o meu amanhã, levou-me a uma ansiedade que por sua vez, impediu-me de confiar totalmente em Deus. Glórias sejam dadas a Ele porque apesar de nossas imperfeições Ele nunca desiste de nós. Somos nós quem desistimos dEle. Ele jamais desiste! Pelo que nos diz as Escrituras: "Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto" (Isaías 55:6). Espero que nem eu nem você sejamos tão tolos a ponto de continuarmos a ignorar o convite que o SENHOR nos faz.

Atualmente sou casada com Deivison Oliveira de Almeida e estou de volta à igreja, lugar de onde eu nunca deveria ter saído, embora, ainda não esteja como deveria e gostaria de estar. Voltar não é tão fácil quanto eu gostaria. Mas, não tenho dúvidas de que é necessário.

Notas de Fim

ⁱ Hebreus. 1:5; 5:5; Colossenses 1:15-17; Apocalipse. 3:14; Colossenses 1:19; Jo 17: 5 e 24 b; João 10:30; João 17:5 e 24 b;

ⁱⁱ “O Deus Filho é eterno? Ou, Ele se tornou eterno, por ter sido gerado pelo Pai da plenitude de Sua essência Divina, antes da fundação do mundo?” É de se ressaltar, que para se ter uma resposta fidedigna para esta pergunta, necessário se faz que analisemos com franqueza o Texto Sagrado, tendo o devido cuidado de buscar uma compreensão que esteja em harmonia com o todoⁱⁱ das Escrituras e em especial, com as declarações que o próprio Jesus fez de Si mesmo.

ⁱⁱⁱ **VOCABULÁRIO:** Criar (Gn. 1) - Tirar do nada; transformar; gerar; educar; inventar; produzir.

^{iv} João 14:6;

^v (João 5:24; I João 5:11- 13);

^{vi} João 17:24 b;

^{vii} Colossenses 1:19;

^{viii} João 1:12; João 3:16; Hebreus 1:5; João 10:30; Colossenses 1:15; João 3:16; João 1:18.

^{ix} João 3:31

^x João 10:30

^{xi} **A respeito da geração do Filho de Deus**, C. S. Lewis, autor das “Crônicas de Nárnia”, em seu livro "A ^{xi}Essência do Cristianismo Autêntico”, afirmou: “Um dos credos diz que Cristo é o Filho de Deus "gerado, não criado" e acrescenta: “Gerado por Seu Pai desde toda a eternidade”. Será que o leitor percebe claramente que isso não tem nada a ver com o fato de que quando Cristo nasceu nesta terra como homem, esse homem era o Filho de uma virgem? Não estamos considerando agora o nascimento

virginal. Estamos tratando de algo que aconteceu antes que a natureza fosse criada, antes que o tempo começasse "desde toda a eternidade". Cristo é gerado e não criado. Que quer dizer isto? Todos sabem o que significa a palavra "gerar". Gerar é tornar-se pai de; criar é fazer. A diferença é a seguinte: quando geramos, geramos algo da mesma espécie a que pertencemos. Um homem gera bebês humanos, um castor gera Filhotes de castor, uma ave gera ovos que se transformam em avezinhas. Mas, quando fazemos, fazemos algo diferente da espécie a que pertencemos. Um pássaro faz um ninho, um castor faz uma barragem, um homem faz um aparelho de rádio, ou pode fazer algo semelhante a ele, digamos, uma estátua. Bem, esta é a primeira coisa a esclarecer. O que Deus gera é Deus, assim como o que o homem gera é homem. O que Deus cria não é Deus, assim como o que o homem cria não é homem. Essa é a razão pela qual, os homens não são Filhos de Deus no sentido em que Cristo é. Podem ser como Deus sob alguns aspectos, mas, não são seres da mesma espécie. Parecem-se mais com estátuas ou imagens de Deus. Uma estátua tem a forma de homem, mas não é viva. Do mesmo modo, o homem tem a forma ou semelhança de Deus, mas não recebeu a espécie de vida que Deus tem. Tudo o que Deus faz tem alguma semelhança com Ele.” .

^{xii} João 5:26

^{xiii} “Feito tanto mais excelente do que os anjos, quando herdou mais excelente nome do que eles”, afirmou o autor deste livro aos Hebreus acerca do Filho de Deus. Lembre-se ninguém se torna naquilo que já é. Jesus só se tornou, porque ainda não era.

^{xiv} **VOCABULÁRIO:** Concepção > Ato de ser concebido ou gerado; Geração, etc.

^{xv} Jo 17:5 e 24 b;

^{xvi} Jo 17:5 e 24 b; Colossenses 1:15; Colossenses 1:16 c - Ver também João 1:1- 3;

^{xvii} Gênesis 1 (criação do mundo)

^{xviii} **Louis Berkhof** (1873-1957) é um teólogo sistemático reformado cujas obras têm sido muito influentes na teologia calvinista da América do Norte e da América Latina. Sua *Teologia Sistemática* tem sido, durante décadas, este livro-texto utilizado em muitas faculdades protestantes de teologia no Brasil. Ele nasceu nos Países Baixos e mudou-se ainda pequeno, para os Estados Unidos (Fonte: Wikipédia).

^{xix} Note ainda, que Berkhof afirmou, inclusive, que O Pai gera o Filho desde a eternidade (mais à frente iremos comentar esta expressão “desde”, a qual, foi também empregada pelo profeta Miquéias).

^{xx} Vale dizer, que a bem da verdade a Bíblia realmente nos leva a essa conclusão se levada em consideração como um todo.

^{xxi} **A TRINDADE SEGUNDO LOUIS BERKHOF** - Deus é Uno em seu Ser Essencial, mas neste único Ser há três Pessoas chamadas Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três Pessoas não são três indivíduos inteiramente separados e distintos.

^{xxii} Observe agora o que diz o Credo Niceno, estabelecido em Concílio pelos Pais da Igreja, já nos primeiros séculos de sua existência: "Cremos em Deus Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus; Gerado como Unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz; Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro; gerado, não feito; consubstancial com O Pai; mediante o qual todas as coisas foram feitas, tanto as que estão no céu como as que estão na terra; que para nós humanos e para a nossa salvação desceu e se fez carne se fez homem, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e virá para julgar os mortos e os vivos. E no Espírito Santo" - (Concílio de Nicéia, 325 d. C.).

^{xxiii} VOCABULÁRIO: Primogênito: Aquele que foi gerado antes dos outros; Filho mais velho.

^{xxiv} Anteriormente comentei a respeito do porquê de Ele ser a Vida.

^{xxv} VOCABULÁRIO: Usurpar (Fl. 2:6) - Apoderar-se violentamente de; adquirir fraudulentamente; executar indevidamente; assumir o exercício de por fraude ou artifício; o advogado usurpou as funções de juiz; tomar à força; obter por fraude.

^{xxvi} Filipenses 2:6-(7)

^{xxvii} Filipenses 2:8; I Samuel 15:22;

^{xxviii} Hebreus. 2:17-18;

^{xxix} **PERSPECTIVA JUDAICA NO AMBIENTE DO N.T.:** Os judeus, dominados que estavam pelo império romano, ansiavam pela vinda do Messias anunciado pelos profetas. Todavia, a visão que tinham do Messias, era a de um grande Rei que viria para libertá-los do jugo dos seus opressores, bem como, elevá-los como nação perante as demais nações existentes em seu tempo. Ao fazer o milagre da multiplicação dos pães, alimentando toda a multidão que O seguia, Jesus fez com que os judeus se lembrassem do Maná, enviado dos céus, para alimentar o povo de Israel quando peregrinava no deserto. Os judeus queriam um grande Rei, para eles, o milagre da multiplicação dos pães feito por Jesus, era um sinal de que o Messias esperado havia chegado, por isso, tentaram coroar a Jesus como Rei de Israel. É de se ressaltar, que atender à sugestão feita pelo diabo de transformar pedras em pão, significava para Jesus, tomar um atalho com o fim de evitar a cruz, seria, segundo o que diabo quis sugerir, o caminho mais fácil e menos doloroso, afinal, os judeus não ansiavam por um Messias sofredor, e sim, por um Messias que mesmo das pedras pudesse tirar o alimento para o sustento de Seu povo. Vale lembrar, que Jesus veio para nos ensinar a respeito do Reino de Deus, e é no episódio da tentação no deserto, que mais aprendemos acerca de Seu ministério entre os homens.

^{xxx} João 14:10 b;

^{xxxi} João 15:7;

^{xxxii} Tiago 1:13;

^{xxxiii} I João 5:5;

^{xxxiv} Filipenses 4:12-13;

^{xxxv} I João 5:11-13; Gálatas 3:11 b;

^{xxxvi} I João 4:2;

^{xxxvii} “William James Durant (5 de Novembro de 1885 - 7 de Novembro de 1981) foi um filósofo, historiador e escritor estadunidense de aspirações libertárias. Mais conhecido por sua autoria e co-autoria junto a sua mulher Ariel Durant na série historiográfica 'História da Civilização’” Fonte: Wikipédia).

xxxviii At. 2:32, Filipenses 2:8 - 11;

xxxix Isto por que não haveria liberdade de escolha se não houvesse a opção de nos rebelarmos. No Éden, a opção de se rebelar estava representada no fruto de uma árvore proibida, plantada no meio de um jardim onde tudo o mais era permitido. Aquele fruto representou para Adão e Eva a opção de confiar ou não confiar; de obedecer ou não obedecer. Da mesma forma, Deus tem permitido que o mal continue a existir para que eu e você tenhamos a opção de escolher o que fazer com Ele. Portanto, a liberdade só existe onde se tem duas ou mais opções a fazer. É de se ressaltar, que no seu devido tempo Ele há de aniquilar de uma vez por todas o mal, conforme nos garante em Sua Palavra.

^{xi} “Afasta de mim este cálice. Não seja, porém, o que eu quero, e sim, o que tu queres”. Disse Jesus em oração ao Pai no Getsêmani, pois, bem sabia que já se aproximava o momento em que seria entregue aos principais sacerdotes e aos escribas, os quais, o condenariam à morte e o entregariam aos gentios para dele se escarnecerem, açotarem e crucificarem.

^{xii} (Cairns, Earle E. “O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã; | Earle E. Cairns; tradução Israel Belo de Azevedo |. – 2 ed. – São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995).

^{xiii} Pais da Igreja: nome dados aos líderes da igreja dos primeiros séculos de sua existência

^{xiiii} As informações constantes neste livro, a respeito dos Reformadores, foram extraídas da Apostila de Teologia Patrística do Sexto Período/2000 do Curso de Bacharel em Teologia Pastoral – FATES.

^{xlv} Houve um determinado momento da história da Igreja Cristã, em que esta perdeu sua visão neo-testamentária; e creio que esse fato se deu, por ocasião da “conversão” de Constantino ao cristianismo. A igreja até então perseguida, agora religião oficial do Estado, começa a perder sua visão, e daí, as atrocidades relatadas no decorrer de sua história.

^{xvi} Note que esta expressão foi usada pelo teólogo Louis Berkhof

^{xvii} Efésios 2:8-9.